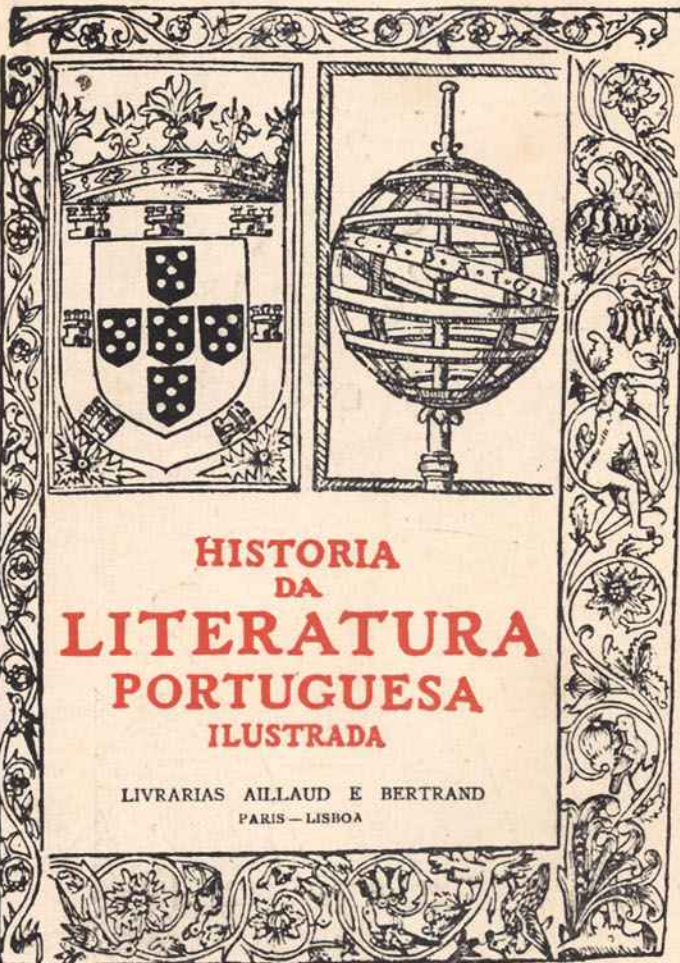


# ILUSTRAÇÃO



ALMADA





**HISTORIA  
DA  
LITERATURA  
PORTUGUESA  
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
PARIS — LISBOA

**BOLETIM DE ASSINATURA**

*Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por..... (3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).*

NOME .....

MORADA .....

Lisboa, ..... de ..... de 192...

ASSINATURA .....

**PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS**

**CONTINENTE E ILHAS :**

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) ..... 11\$50

	3 MESES	6 MESES	1 ANO
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

**REQUINTADO**

<b>ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA</b> .....	34\$50	67\$00	132\$00
<b>ÍNDIA, MACAU E TIMOR</b> .....	36\$00	79\$00	138\$00
<b>ESTRANGEIRO</b> .....	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
**ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO**  
Da Academia das Ciências de Lisboa

**ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES**

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAÍÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.  
CARLOS DE ALMEIDA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE ALVEIDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CASTRO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOSES BENABAY AMELAK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
F. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

**EDIÇÃO MONUMENTAL**  
**A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSIS DE 32 PÁGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

**CONTERÁ**

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

**CONSTITUINDO**

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00



# A SAUDE DO VOSSO BÉBÉ



...exige que sejeis severa na escolha do seu leite. Quando ha falta de leite materno, deveis evitar de dar ao vosso filhinho leite fresco que quasi sempre é de qualidade duvidosa, cheio de micróbios e outras impurezas. A fervura diminui consideravelmente o seu valor nutritivo, pois destroi as preciosas vitaminas tão necessarias ao desenvolvimento da criança. Adotai sem hesitar o melhor dos leites, o

## LEITE CONDENSADO AÇUCARADO MARCA "MOÇA,"

PURÍSSIMO, RICO EM CREME E EM VITAMINAS. É O ALIMENTO IDEAL, O QUE MELHOR SUBSTITUI O LEITE MATERNO

PREPARAI O VOSSO BÉBÉ AO DESMAME. Fazê-lo bruscamente é expor a criança a graves perigos. Por isso todos os pediatras recomendam que se faça o desmame progressivamente, juntando às mamadeiras de leite papinhas de farinha fortemente lacteada e cuidadosamente malteada. Substitui uma, depois duas e três mamadeiras de leite por uma papinha de

## FARINHA LACTEA "NESTLÉ,"

RICA EM LEITE E VITAMINAS, CUIDADOSAMENTE DOSEADA E MALTEADA

é assim a melhor maneira de desmamar sem perigo o vosso bebé.

Manda-se gratis uma amostra de leite condensado açucarado «MOÇA» ou de Farinha lactea «NESTLÉ» bem como o folheto do dr. Vidal sobre os cuidados e a alimentação a dar às crianças a quem enviar o talão abaixo à

Filial em Portugal da NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK CO.

Rua Ivens, 11-13 LISBOA



Queiram enviar-me grátis uma amostra de .....

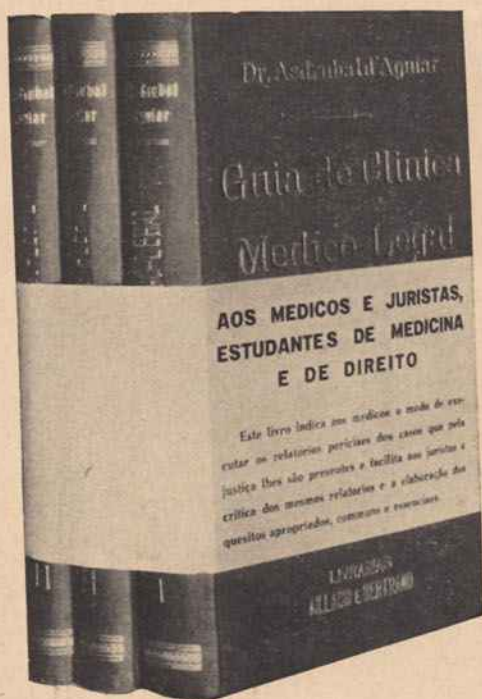
e o folheto do dr. Vidal.

Nome .....

Morada .....







# UMA OBRA MAGNIFICA

♦ ♦ ♦ ♦  
ACABA DE APARECER

## O GUIA DE CLINICA MEDICO-LEGAL

Pelo ilustre homem de sciencia **DR. ASDRUBAL D'AGUIAR**

3 volumes absolutamente indispensáveis a

**MEDICOS**  
**JURISTAS**  
**ESTUDANTES DE MEDICINA**  
**ESTUDANTES DE DIREITO**

pois preenche uma grande lacuna das literaturas médica e jurídica, pois indica aos médicos o modo de executar os relatórios periciais dos casos que, pela justiça, lhes são presentes e facilita aos juristas a crítica dos mesmos relatórios e a elaboração dos quesitos apropriados, comuns e essenciais.

ALGUNS CAPITULOS: Ofensas corporais — Acidentes de trabalho — Envenenamento — Atentados ao pudor — Estupros — Violações — Gravidez — Parto — Aborto — Casamento e divórcio — Perversões sexuais — Investigações de paternidade — Lenocínio, etc. — Legislação e jurisprudência de cada caso médico-legal

UMA OBRA DA MÁXIMA UTILIDADE E DA MÁXIMA PROBIDADE

**PREÇO DOS 3 VOLUMES ENCADERNADOS EM PERCALINA**

**Esc. 50500**

PEDIDOS AOS EDITORES:

**LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**

73, Rua Garrett — LISBOA

Telefones: C. 1084 e C. 1606



*Para que  
nas longas noites de inverno  
as horas passem a correr  
basta lêr o*

**MAGAZINE  
BERTRAND**

# MARGARINA VAQUEIRO

LEIA V. EX.º O PARECER

Do Ilustre Professor e Chimico Analista  
Ex.º Sr. Charles Lepierre

A MARGARINA da marca COWHERD-VAQUEIRO apresentada pelos Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho, como resulta das análises completas, a que foi submetida em diversos laboratorios, constitui um produto de composição normal e perfeitamente semelhante à dos bons produtos congêneres.

É destinada, como é sabido, a substituir a manteiga. A composição destes produtos, margarinas, revela em regra maior quantidade de gordura por 100, principalmente por conter menos água de que as manteigas.

O VALOR ALIMENTAR ou PODER ENERGETICO da margarina, é pois maior do que duma manteiga corrente, por conter maior percentagem de corpos gordos.

Os elementos constituintes da Margarina são da mesma natureza que os da manteiga; são corpos gordos, predominando na manteiga gorduras de massa molecular menor que comuticam a este alimento as suas propriedades sabidas caracteristicas.

Faltam estes corpos na Margarina, como de resto no azeite, sem que por isso a Margarina deixe de ser um excelente substituto da manteiga.

Com effeito, todos os higienistas são concordes em afirmar que a Margarina é tão nutritiva como a Manteiga e absolutamente inofensiva. Trabalhos scientificos numerosos provam esta affirmacão (Jollés, Bertarelli, Kientzil, etc.).

Pode mesmo dizer-se que a Margarina não se torna rança como acontece com a manteiga, por não conter a Margarina os esteres da glicerina de massa molecular baixa, cuja decomposição por hidratação, oxidação, intervenção de microbios, produz o ranço.

É mais agradável até comer uma boa Margarina do que uma manteiga ruim, cujo sabor e cheiro são por vezes tão desagradáveis.

A Margarina contém quasi sempre menos microbios do que a manteiga.

Em resumo: devido à sua composição a margarina altera-se menos que a manteiga. Daí uma manifesta vantagem.

Higiênicamente não há, pois, motivo para se não utilizar a Margarina como excelente substituto da manteiga, do azeite, da banha, etc.

É tão nutritiva como qualquer destes alimentos gordos.

E se é vulgar falsificar-se a manteiga com Margarina não se falsifica a Margarina com manteiga...

Além disto, por este tempo de vida cara, não é para desprezar o facto da Margarina ser muito mais barata do que a manteiga.

Trata-se, pois, dum excelente alimento, menos agradável talvez ao paladar do que a manteiga, mas tão nutritivo como esta e susceptível, como diz o grande higienista Arnold, de modificar favoravelmente o regimen alimentar da parte menos abastada da população que não pode comprar a manteiga pura, genuina, sempre caríssima, por toda a parte.

Resta apenas verificar se a Margarina vendida é bem preparada, se é isenta de impurezas, se tem uma composição normal; são precisamente os requisitos que a Margarina submetida ao meu exame revelou.

É por ser esta a verdade assimo o presente parecer.

CHARLES LEPIERRE.

A VENDA EM TODAS AS MERCEARIAS

UNICOS IMPORTADORES

**ESTABELECIMENTOS  
JERONIMO MARTINS & FILHO**

13, Rua Garrett, 23 — LISBOA



## ADREMA

A MAQUINA QUE MULTIPLICA  
O NEGOCIO E ORGANISA OS  
SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

AGENTE GERAL: J. GONÇALVES

C. do Carmo, 10 — LISBOA



# VOGA

PROMOVE O

## SALÃO DE PRIMAVERA DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO

Sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte, ILUSTRAÇÃO  
e MAGAZINE BERTRAND

ESTÁ ABERTA A INSCRIÇÃO PARA ESTE CERTAME, QUE OBTERÁ  
O MAIOR ÊXITO ECONÓMICO, PUBLICITÁRIO E ARTÍSTICO

As primeiras casas a inscrever-se definitivamente em lugares de destaque foram

**GRANDE BAZAR DO PORTO LTD.** (LISBOA-PORTO), representantes da colossal marca  
de gramofones e discos HIS MASTER'S VOICE

**SANTOS & JÚLIO**, COSTUREIROS, criadores de Modas — (R. Nova do Almada — LISBOA)

**HENRI MANUEL** (Fotógrafo de Arte, Moda e Elegâncias) — PARIS

**FABRICA DOS TAPÊTES DE BEIRIZ** — A maravilhosa indústria artística  
de D. Hilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda

**SOCIEDADE DOS VINHOS BORGES & IRMÃO** — De fama mundial, porque «os Vinhos  
Borges... são Vinhos»...

**MÁRIO DE NOVAIS** — (Fotógrafo de Arte) — LISBOA

**TATA** — «Chapelier en Vogue» — Medalha de ouro do «Salão de Outono»

**ALINANDA** — Que exporá o livro «Arte de bem comer» ao qual está reservado um grande successo  
e que será um verdadeiro regalo para os «gourmets»

**CHAMPAGNE PIPER-HEIDSIECK** — Reims — «Grandes licores Rocher Frères — «Cognac E.  
Remy & C.» — reputadíssimas marcas de que é representante em Portugal e Colónias  
João Alves de Matos, rua dos Fanqueiros, 277 — LISBOA

**POLYDOR** — «O super-gramofone alemão», uma verdadeira maravilha — Agentes gerais — Galeria  
das Novidades, L.<sup>da</sup> — PORTO

**«THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.»** — A prestimosa empresa proprietária das  
redes de Lisboa, Porto e principais localidades do País, num esforço enorme  
de progresso. Cooperação e «stand» originalíssimos

**«EMPRESA ELECTRO-CERÂMICA»**, de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da península  
de porcelanas para uso doméstico e efeitos eléctricos, honra da indústria portuguesa

**COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA**, com os maravilhosos vidros artísticos,  
rivais dos melhores do mundo, da *Fábrica da Marinha Grande*

Tôdas as informações nas redacções de *Voga*, *Magazine Bertrand* e *Ilustração* (Telef. N. 873) ou no

**BUREAU DA EXPOSIÇÃO:**

AVENIDA DOS ALIADOS, 71, 1.º — PORTO — Telefone: 4909 (Porto)



# UMA EXPLENDIDA "SOIREE" OU UM SOBERBO CONCERTO

Só se conseguem actualmente com um bom GRAMOFONE e uma excelente  
coleccção de **"His Master's Voice"**  
DISCOS

APARELHOS, os mais aperfeiçoados e de sonoridade a mais  
deleitosa. Modélos para vários preços.

DISCOS, da gravação mais impecavel e com o repertorio mais  
interessante e variado; música clássica e para dança.

AGENTES EXCLUSIVOS:



## GRANDE BAZAR DO PORTO

LISBOA

PORTO

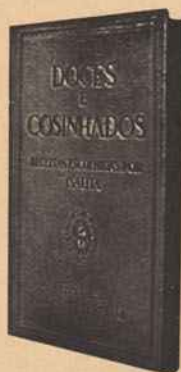
150, Rua Augusta, 152 192, Rua St.ª Catarina, 198



# BOSCH

A vela de qualidade  
Um modelo apropriado a cada tipo de motor

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:  
ESCRITÓRIO TÉCNICO ROBERTO CUDELL  
PORTO — Passos Manuel, 4.



## DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

## ISALITA

Um volume encadernado

com 351 páginas

ESC. 25\$00

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



**CHRYSLER IMPERIAL O MAIOR E MELHOR DE TODOS OS**

# Chrysler

**Imponente, luxuoso, elegante, discreto, duma linha irrepreensível,  
o mais silencioso e o automovel mais perfeito do mundo**

AGENTE GERAL: **A. Beauvalet**  
Rua 1.ª de Dezembro, 137 — LISBOA

DISTRIBUIDOR PARA O NORTE: **Angel Beauvalet**  
Rua de Santa Catarina — PORTO

## RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS  
PARA OS CUIDADOS DA PELE

### ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 36,1 - LISBOA

**NYTHIS**  
*Parfums de*  
**GELLÉ FRÈRES**  
PARIS

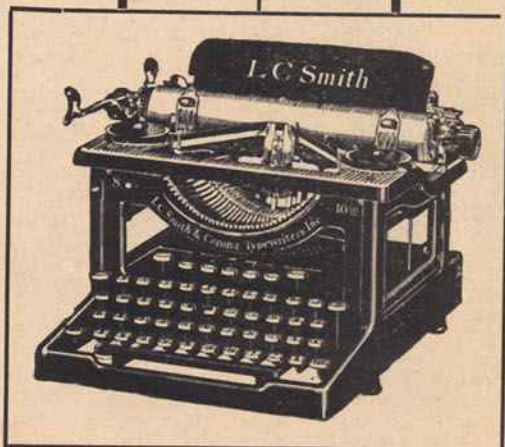


ESSENCIA  
PÓ DE ARROZ  
LOÇÃO  
AGUA DE COLONIA  
SABONETE

17, Boulevard des Capucines, Paris  
Agência geral: STEFFEN & FILHO, S. de M. de Lisboa 212, LISBOA

# L C SMITH

**(L C SMITH & BROS)**



A MAQUINA DE ESCREVER  
QUE, PELA SUA RESISTENCIA  
E RAPIDEZ, TODOS PREFEREM

CADA BARRA DE TIPO TRA-  
BALHA COM ROLAMENTO DE  
ESFERAS

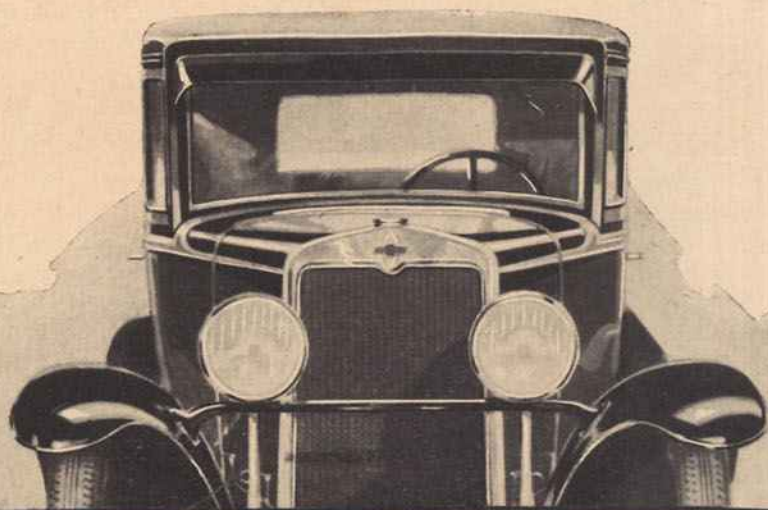
Pedir catalogos e detalhes aos represen-  
tantes exclusivos para Portugal e Colonias

**THE MODERN OFFICE LTD.**

**107, RUA DO ALECRIM, 109**

TELEPHONE Trindade 66





**CHEVROLET**

**6 CILINDROS**

**AUTOMOVEIS E CAMIONETES**

**O**

**MAIOR SUCESSO AUTOMOBILISTICO**

-----  
**VEJAM OS NOVOS MODELOS**

**NO**

**PALACE STAND**

**ALEXANDRE DE MENDONÇA ALVES LTD.**

108, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 108

-----  
**O PREÇO A QUE É VENDIDO O CHEVROLET 1929  
COLOCA-O AO ALCANCE DE TODOS**





*Business Life.*

A GRAVURA supra representa: à esquerda o Banco de Inglaterra, que no anno de 1844 foi declarado Banco de inspeção de finanças da Grã-Bretanha, e mais ao fundo, à direita, divisa-se a colunata da Bolsa de Londres.

Na nossa época actual, em que numa hora se faz um vôo em avião de um percurso de 200 kilómetros, ou se fala de negócios, pelo telefone, em dois minutos, com um amigo que está a 600 kilómetros de distância, para o que, ha cem annos, eram precisos dois meses, cada minuto tem muitissimo valor, é precioso.

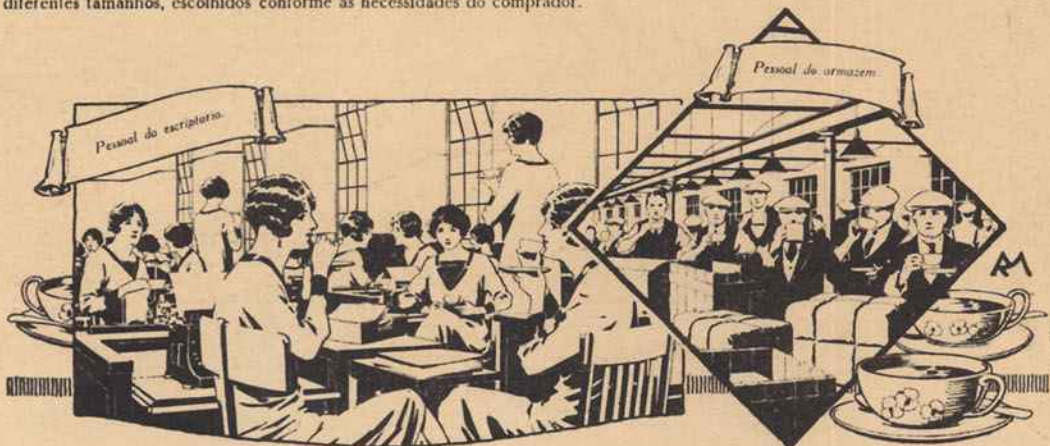
O antigo adágio "o tempo é dinheiro" nunca foi tão verdadeiro como agora, e o homem de negócios suspira pelos cinco minutos em que pode sentar-se diante de uma chávena de chá Horniman, considerando-se então numa segura situação.

Não ha nenhuma bebida tão refrescante, tão vivificante, não ha nenhuma bebida mais apropriada para a vida de negócios nos tempos modernos de movimento, e para levantar o espirito e o corpo fatigados, nada, absolutamente, nada, como o



# CHÁ HORNIMAN

A casa Horniman fornece todos os Estabelecimentos de importância e goza de fama na Grã-Bretanha ha mais de 100 annos. O chá Horniman prepara-se expressamente para V.Sa., do mesmo modo que para todos os países do mundo, em recipientes de diferentes tamanhos, escolhidos conforme as necessidades do comprador.





COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA  
DA «ILUSTRAÇÃO»  
R. d'Alegria, 30 — Lisboa  
REDAÇÃO  
R. Cealho de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procissão)  
Telef. N. 873

# ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE e EDIÇÃO:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>  
R. Garrett, 73, 75 — Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO  
Rua Anchieta, 25  
Telef. C. 1084

DIRECTOR-DELEGADO:  
JOÃO DA CUNHA DE RÇA

DIRECTOR:  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 4.º — N.º 76

16 DE FEVEREIRO DE 1920



O ENTRUDO DE 1929

VÁRIOS ASPECTOS DO «CORSO» NA AVENIDA DA LIBERDADE E DOS PEQUENINOS MASCARADOS, AS DUAS NOTAS CURIOSAS DOS FESTEJOS CARNAVALESÇOS DÊSTE ANO.

(Fotos «Ilustração»). 9



# CRONICA DA QUINZENA

Desde que me entendo, e por mal dos meus pecados entendo-me há muitos anos, sempre tenho ouvido dizer mal do Entrudo — o Carnaval das ruas, está bem de ver. Nos recuados tempos da minha meninice, ele era violento e grosseiro; os seus gestos e atitudes eram de carrejão ou de fadista; o seu palavrão, com pretensões a graça, era de colareja.

Nas aldeias e pequenas vilas a máscara era um luxo raro; substituíam-na uma demão na cara, servindo de brocha uma cortiça queimada, humedecida com azeite. Os homens vestiam-se de mulher, enfiando uma saia por cima das calças, trocada a jaqueta por uma bata. Raramente as mulheres se vestiam de homem, empapoiando-se como nos dias de festa, a fugirem dos rapazes, desejando que elles as perseguissem e agarrassem, dando-lhes um báteco. Atiravam-se ovos, como se fossem pedras, à cara das pessoas, e não raro se atiravam laranjas ou limões, mal havendo a precaução de visar o peito ou as costas, que uma tal pancada na cara poderia ter graves consequências. A gente nova, a que se divertia, ao mesmo tempo divertindo os outros, fazia larga provisão de farelo, mais barato que a farinha, e como este material de guerra não lhes era fornecido em cartuchos, engalfinhavam-se rapazes e raparigas, saindo da redeira as raparigas vermelhas como papoilas. Havia jogos, que eram saltos e correiras, e mesmo a ballar se jogava, quando o balho era ao ar livre.

Nas pequenas cidades e nas grandes vilas, *mutatis mutandis*, brincava-se ao Carnaval como nas aldeias, mas al já abundavam as máscaras, rapazes e raparigas vestiam farpelas de fantasia; o farelo cedia o passo à goma, a bisnaga aparecia em compita vantajosa com a seringa, nem sempre cheia de água limpa.

Ainda não há muito que o Entrudo, nas ruas de Lisboa, era a brutalidade associada à pelintrie, tornando-se notável a quantidade de marmanjeiros em trajes femininos. Das janellas, em certas ruas, caíam alqueires de tremogos, e lúvas cheias de areia, funcionando de cocotes, metralhavam os transeuntes, causando-lhe prejuizos e contusões, não havendo chapéu que resistisse a semelhantes aríetes.

Meninos vestidos de generais, meninas vestidas à moda miúda, eram a nota elegante da farândula que zigue-zagueava pelas ruas da cidade, na Baixa e circunvizinhanças, e um ou outro carro, enfeitado a capricho, prendia-nos os olhos, por instantes, para logo caírem na sordidez inestética e maltrapilha.

O Entrudo das salas era limpo e de bons maneiras; se nem sempre vestia com luxo, sempre affectava modos elegantes e delicados; mas esse Entrudo em nada interessava

o público, sendo para elle como se não existisse.

Justo é reconhecer que o Entrudo de hoje não é violento nem grosseiro como o de há anos atrás, o que podendo attribuir-se, dentro de certos limites, a um progresso na educação de toda a gente, deve principalmente attribuir-se a um melhor serviço da polícia.

Cessaram as violências contínuas doutro tempo, e já não é frequente ouvir, na rua, as graçolas obscenas que neste tempo se ouviam. Ainda se consente a bisnaga, que às vezes, em lugar de líquidos aromáticos, contém substâncias sulfúricas, em estado de incompleta diluição. Das janellas ainda se bombardeia quem passa com objectos leves, ainda assim bastante densos para nos amolgar o chapéu ou fazer-nos cair as lunetas, que se quebram nas pedras da rua. Ainda se fazem coisas destas ou parecidas; mas a verdade é que em brutalidade e grosseria o Entrudo do nosso tempo marca um avanço considerável na morigeração dos costumes.

Mas como elle é pelintrie e sensaborão o Entrudo das ruas!

Sente-se um grande desejo de ficar em casa ou fugir para o campo quando aparecem os primeiros chéché, a avançada dèsses tristes *pierrrots* e desoladas *pierrlles*; que durante três dias se dispensarão de lavar a cara para não estragarem a pintura.

A nota alegre da grande sensaboria carnavalesca é dada pelos bailes infantis, que bem podiam resultar menos fatigantes para as pobres crianças, sem que por isso ellas se divertissem menos, e sem que o seu divertimento perdesse alguma coisa da sua alegria communicativa.

Chegon a ser interessante a *batalha de flores*, em Lisboa, ainda os automóveis não tinham feito o seu advento na grande scena da civilização moderna, ainda os cavalos que fazem andar os trens eram cavalos de verdade, cavalos de carne e osso, realidades zoológicas que na escala dos animais úteis occupavam um lugar distinto. A cocheira desapareceu, substituída pela *garage*; a força motriz, nos trens e mais vehiculos, deixou de ser força animal para ser força physico-química, e o cocheiro, duma originalidade tão atraente e típica, foi expulso definitivamente pelo *chauffeur*, personagem de tal forma representativa, que Keyserling fez d'elle um símbolo.

As festas do calendário, o Entrudo, a Páscoa, tem a sua origem na História ou na

Mitologia, conservadas por uma tradição de séculos, deformando-se no correr dos tempos, naturalmente, mas conservando sempre as suas essenciais características.

Só uma observação muito superficial dos factos, e um conhecimento excessivamente escasso da evolução das sociedades, consideradas na fonte da sua mentalidade e nos processos da sua psicologia, podem fazer com que se ache estranho que se marque uma época do ano para toda a gente andar alegre, e uma outra época do ano para toda a gente andar triste!

As Saturnais romanas, com toda a má reputação com que entraram nos registos da História, tendo sido interditas à gente cristã por deliberação dum Concilio, o de Laodicea, iam passados mais de trezentos anos por sobre a morte de Cristo, as *Saturnales* eram um Carnaval simpático, porque eram um momento de folgança para todos, sem exclusão dos escravos, que por algumas horas, três, quatro ou cinco dias, eram livres de facto, acovelando nas ruas, sem interromperem as suas danças e cantares, os senhores que os possuíam como animais de trabalho. Os laços sociais, durante tais festas, como que se apertavam, aproximando as pessoas, e tinha-se a impressão, embora fugaz, de que as classes se misturavam e confundiam, rôtas as paredes dos respectivos compartimentos estancados.

O grande mal do nosso tempo, agravado aqui e além, entre nós agravado espantosamente, é o egoísmo individual, tão grande que o egoísmo das classes resulta, por esse facto, sensivelmente atenuado.

Os seis milhões de portugueses que habitam esta nesga da Europa, banhada pelo mar, são como passageiros dum comboio que pára em todas as estações, aqui ficando uns, além ficando outros, os que ficam não se importando nada com os que seguem, os que seguem não se importando nada com os que ficam.

Tudo quanto possa contribuir para organizar esta multidão gregária, para insuflar uma alma colectiva nesta grande colónia, dando aqui à palavra o significado que ella tem em zoologia, tudo deve ser aproveitado carinhosamente, porque nos mata a falta de sentimentos altruistas — viandantes que se encontraram por acaso, e marcham sem a consciência dum destino comum.

Se o Entrudo, festa de todos e para todos, pode servir de algum modo para que se realize este patriótico objectivo, não o deixemos morrer, certos de que a alegria é uma força e a tristeza uma doença, o triunfo, nas batalhas da vida, cabendo sempre, com as excepções do estilo, aos fortes e sádios.

BRITO CAMACHO.

ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos vidros artísticos da COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA, melhores que os melhores do mundo



# A MORTE DA RAINHA MARIA CRISTINA

mente nacional. O grande e respeitável soberano D. Afonso XIII, que hoje governa a Espanha, é a grande obra da falecida rainha D. Maria Cristina, sua extremosa mãe. Por isso, em Espanha, nem só a corte vestiu luto; o povo também chora a grande rainha. Além de dois retratos inéditos da egrégia senhora e soberana, *Ilustração* publica nesta página, de sentida homenagem, uma curiosa fotografia de 1888, em que se vê a então regente do reino com o actual monarca e S. A. a princesa das Astúrias e a infanta D. Maria Teresa. No baixo da

página, uma fotografia histórica, obtida por ocasião do baptizado do Infante D. Fernando da Baviêra, onde se vê a Rainha-mãe (x).

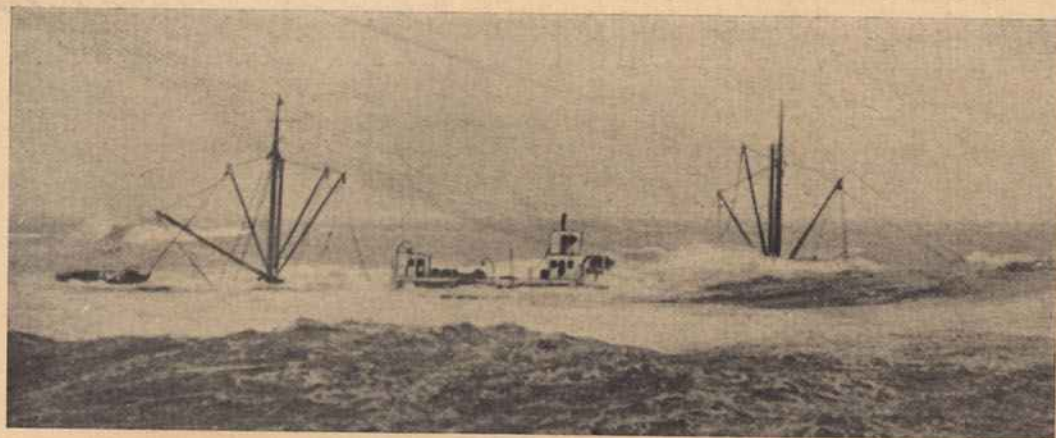


O recente e inesperado falecimento da rainha-mãe de Espanha, D. Maria Cristina, determinou um movimento de pesar e um luto que não foram, como em tantos outros casos, inteiramente protocolares. Desapareceu, com efeito, uma grande rainha e uma grande educadora. A energia, a inteligência e a inteireza moral de D. Maria Cristina deve a Espanha a solução da crise dinástica que a morte de Afonso XII veio abrir, crise que tinha um aspecto inteiri-



O Salão da "Voga", no Pôrto, tem o patrocínio das ilustres colectividades Associação Industrial, Associação Comercial, Associação dos Comerciantes e Centro Comercial, da capital do Norte





O horrível naufrágio do «Deisters» na Ilha do Donro. A esquerda: — O barco já coberto de água com a boia apenas a bordo, e no mastro da ré a esquerda e a sobre a ponte do comando, vindo a morte inexorável aproximar-se sem piedade. No soal do baixo: — O prólogo da tragédia. O «Deisters» encalhado no molhe da barra do Donro antes de ser arrastado para o largo pela tempestade.

As fotos do naufrágio do «Deisters» são inéditas e esculpidas por Álvaro Martins.



A comemoração do 31 de Janeiro. — A homenagem aos mortos no cemitério do Prado do Repouso, no Pôrto.



A direita: — Grupo de quintanistas da Faculdade de Medicina que realizaram a sua recita no Teatro Politeama com a espirotosa revista «O que arde, cura...»



Grupo de gentilíssimas e ilustres senhoras da grande sociedade portuense, que concorreram, com a sua elegância no «Bule das Tarlatanas» no Palácio de Cristal, do Pôrto. NO. OVAL, à direita: — Aspecto do baile de inauguração da época de Carnaval, levado a efeito, com selecta assistência, na aristocrática Liga Naval, de Lisboa.



**No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos "Tapêtes de Beiriz" de Carlos de Miranda e D. Hilda Brandão de Miranda**





Solenes exéquias realizadas em Lisboa, em 2 de corrente, por alma de El-Rei D. Carlos e Príncipe D. Luís Filipe



Os Jornalistas lisboetas que visitaram o Pôrto, à saída da fábrica de tecidos da Arcosa, onde foram alvo de carinhosa acolhida



O sr. dr. Aarão de Lacerda, presidente da «Casa dos Jornalistas» do Pôrto dando as boas-vindas aos jornalistas de Lisboa que visitaram a cidade invicta



Nos salões do Príncipe de Janeiro. — Recepção aos jornalistas de Lisboa que visitaram o Pôrto e aquele grande jornal do Norte



O salão do Salão Foz, depois do incêndio que o devorou, causando graves prejuízos ao Palácio Foz, e posto em perigo, pela costumada falta de água, o riquíssimo salão do mesmo edifício, que é dos mais belos do país



Aspecto do Palácio Foz vendo-se os prejuízos causados pelo fogo, e à direita o horrível pavilhão construído pela Carris e que, entalando a Calçada da Glória, insculpa que se derrubasse o fogo



O chefe do Estado e ministros depois da imposição da «Tôre e Espada» nos Hospitais Civis



Cerimônia da Imposição da «Tôre e Espada» aos Hospitais Civis, levada a efeito no Hospital de Santa Maria

No Salão da "Voga", no Pôrto, far-se-hão ouvir as últimas criações de "His Master's Voice", a marca de gramofones e discos de maior fama





Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria de la Conceição de Navarro y Jordan Lopez de Ayala e de Luna com o sr. Denis de Santiago, realizado na varanda do Paço de S. Cipriano em Guimarães: O cortejo nupcial saluda do Paço entre filhas de casadas. A noiva dá o beijo a seu pai, D. Manuel de Navarro Lopez de Ayala, antigo conselheiro geral de Espanha em Paris.



O ilustre pintor Fausto Sampaio na inauguração da exposição dos seus quadros, no Salão Babone, um dos grandes acontecimentos artísticos do ano.



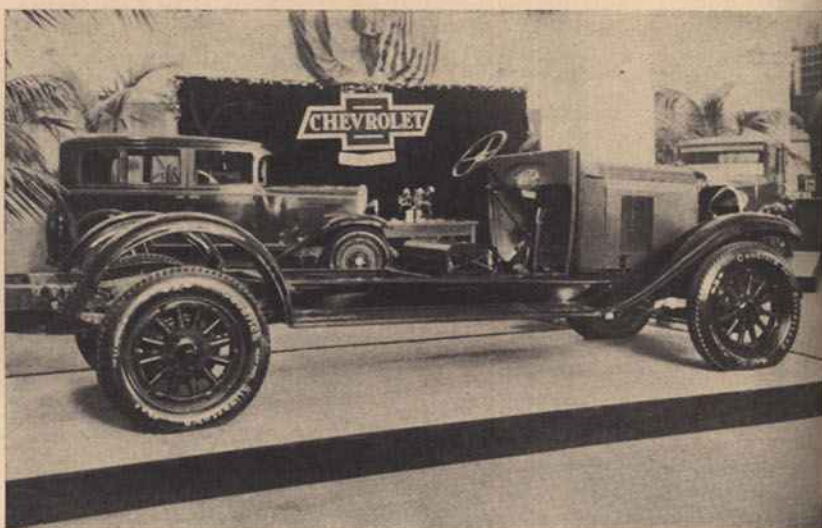
(Fotos  
exclusivas  
de  
«Ilustração»)



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Street Manuel (Alain), com o sr. André Meireles do Couto e Castro, filho dos falecidos viscondes de Meireles. — Os noivos após a cerimônia.



Antes do desafio da seleção portuguesa com o «barra-cano», da Argentina. Os câmbios dos dois grupos treçando as saídas da praxe.



Aspecto da exposição dos maravilhosos «Chevrolet», assombro da mecânica, no Palácio Siam, da Rua Eugénio dos Santos.

**No Salão da "Voga", no Pôrto, estará o rei dos criadores de chapéus, TATA, "chapelier en vogue", medalha de ouro do Salão de Outôno**



## LIVROS E ESCRITORES

Os gêneros literários, entre nós, parecem estar sujeitos ao regime de marés. A vigência de todos eles não se mantém simultânea, antes se reveza, como se houvesse um *réglisseur* a determiná-los, quer a hora da irradiação plena, quer a do eclipse. Num momento, olhamos os mostruários dos livreiros e só vemos crônicas, muitos volumes de crônicas, alguns enfiados tão à pressa como os ramalhetes colhidos a estmo no campo e no seio dos quais as flores de fina estirpe, voluptuosas amigas do nosso olfacto, são forçadas à promiscuidade com outras de silvestre origem e de aroma anseito, ou mesmo agressivo. Doutra vez, o que se verifica é um verdadeiro dilúvio lírico. Quem não fôr poeta ou não sonhar, pelo menos, fingir que o é, deve nessas ocasiões reprimir até a própria respiração. Por último, mas isto mais de largo em largo, aparece a prosa de ficção, compreendendo nela contos, novelas e romances, a gozar a sua hora de predomínio, hora aliás de escassos minutos, para que um dos outros gêneros no exílio não tarde em ocupar o alto de seu trono, onde é tão fugaz a realza.

Agora, precisamente, estamos nós sob o signo do romance; tendo já referido, nas duas ou três crônicas anteriores, algumas obras dessa índole, aqui vemos hoje mais quatro produções literárias da mesma forma rotuladas, uma delas oferecendo a particularidade de ser subscrita por nome feminino, o que demonstra que a literatura, em todos os seus aspectos, está sendo cada vez menos uma actividade privativa, ou mesmo sequer favorita, do sexo forte.

Os títulos desses romances novos, quasi todos eles constituindo estreita dos respectivos autores nesse difícil gênero a que Taine conferiu um eminente lugar na literatura moderna, são os seguintes: *O Fenômeno do Sol*, de Fernanda de Castro, um talento tão desenvolvido e brilhante na poesia como na prosa; *Inferno Branco*, de Eduardo Frias, temperamento artístico donde irradia um forte, embora irregular, clarão de originalidade e cujo apelo idigamos de passagem, para que se não suponha que tallamos aqui elogios para a própria família) não traduz qualquer parentesco, mesmo longínquo, com quem redige estas crônicas; *Paraíso Perdido*, de Boavida Portugal, a quem se devia já um curioso volume de inquérito, feito há anos, sobre as tendências da literatura portuguesa contemporânea; e, finalmente, *Iniquidades Sociais*, de José Ribeiro Alves Júnior, publicista que, em trabalhos vários, tem tomado a peito melhorar a condição moral da mulher.

De todas estas obras, a que se nos impõe como mais equilibrada na contextura, é a de Fernanda de Castro. Com o entusiasmo que é a seiva do seu temperamento literário, a sua concepção optimista da vida, tantas vezes expressa quer em rítmicos poemas quer em scintilantes crônicas, e, sobretudo, o poderoso sentido pictural da sua retina moça, ela traçou neste livro bellissimas páginas de descritivo, emblematizadas num enredo que peça talvez por não ser mais denso, mais rectilíneamente desenvolvido, mais que é um excelente pretexto para, com exacta observação, nos ser dado um suggestivo quadro da vida do europeu como colono africano, em luta com o clima e o fébio, para combater o último dos quais é, em geral, só encontra o vício do jôgo. Mas não se conclua, precipitadamente, que a autora do *Fenômeno do Sol* pretenda inspirar-nos repulsa pela existência do branco nas colônias. Não. Ela o que teve em mira foi simplesmente

pintar com verdade as condições dessa existência. Aliás, sob o estudo psicológico, delicadamente feito, da paixão dum homem de quarenta anos por uma rapariga que ainda não atingiu os vinte, estudo de que é tecida uma parte do enredo do romance, há neste uma sugestão que, ao findar a sua leitura, por completo se nos finca no espirito: sob esse sol violento de Africa, que em tantos actua como veneno e lhes esfarrapa a coragem e os lança nas maiores baixeiras, outros há também que levam a calço, com energia e nobreza, a sua missão colonizadora. Como nos tempos da velha Sparta, os fracos ficam mordendo o pó, enquanto os fortes caminham sempre, erguendo ao alto o facho acêso.

O romance de Eduardo Frias é mais interior, mais circumscrio aos domínios do espirito. O que as suas personagens pensam e sentem, eis a matéria-prima do *Inferno Branco*, onde três curiosos caracteres, todos do meio intelectual mas diferenciados entre si, um poeta, um dramaturgo e um filósofo, experimentam a misteriosa sedução dum espirito de mulher, que para cada um deles representa um ideal na vida: para um, ela é a saúde; para outro, a beleza; para o terceiro, a verdade. É mesmo quando essa mulher, que já mais teve para qualquer deles um impulso mais veemente, mais estranho ao casto sentimento da amizade, se lhes esquivia definitivamente, levada numa aventura banal, esses três homens ficam olhando com embecimento a trajectória por ela deixada na vida, como se essa trajectória fosse uma estrada batida por uma luz de prodígio. Permanece neles a impressão de que alguma coisa de divino os tocou. De mal com os tradicionais moldes do romance, por vezes nebuloso na expressão, este romance, todavia, apresenta bellas qualidades.

O *Paraíso Perdido*, do sr. Boavida Portugal, é uma obra muito influenciada ainda pela escola romântica. É excessivamente literária. As figuras que aparecem colocadas dentro dela, difficilmente conhecemos que se movam: parecem-nos artificiais, lírias. O autor ganharia em dar-lhes a beber sangue, como Ulysses fazia às sombras. Só assim elas nos dariam a impressão de serem exactos retratos de seres viventes. Como assim não succede, as scenas, os conflitos psicológicos em que as vemos engrenadas, mediocremente nos interessam. A sua dor deixa-nos indiferentes. As suas aspirações não se nos comunicam. Em suma, há demasiada literatura neste romance, em que, todavia, reconhecemos uma tentativa honesta.

Também o último dos romances agora lidos por nós, as *Iniquidades Sociais*, nos agradou pouco, muito pouco mesmo. O autor, ao escrevê-lo, deixou-se levar pela mais louvável das intenções: a de advertir a mulher das mil armadilhas que a sociedade actual, bastante corrupta, coloca ante seus passos. Mas a forma de apresentar os perigos que ameaçam o sexo frágil, a descrição de certas scenas que compõem o enredo, é que é das menos felizes que conhecemos.

Quatro romances: no seu registro e comentário empregamos uma boa parte da crônica de hoje. E o caso merece, na verdade, esta atenção. Uma literatura sem romancistas, é uma literatura pobre. Todos os valores novos que affluam, pois, ao cultivo do romance, já que os grandes romancistas, na sua maioria, conservam um silêncio desolador, devem ser acolhidos com simpatia, desde que para o gênero revelem algumas das imprescindíveis qualidades. Não é ainda uma

certeza a sua estreia? Não importa. É uma promessa. Além, o autor illustre do *Étude sur Descartes* e dos *Esquisses de l'homme*, disse, há tempos, numa entrevista, isto, pouco mais ou menos: antes de se adquirir a certeza de que se é capaz de produzir um bom romance, é necessário escrever vinte. Esta opinião, em reforço da de Taine, já atrás alludida, dá bem a medida, não só da importância do romance como das suas inúmeras difficuldades.

Dos livros bons, dos que apresentam um nome categorizado na capa, bem pouco há que dizer. A simples menção dos seus títulos, das respecti-



Lourenço Cayula

vas autorias e, quando muito, da natureza dos seus conteúdos, basta para despertar no espirito do leitor, sempre ansioso por que lhe indiquem algo que na verdade valha, a tentação de os ler. Ora, é este o caso, sem tirar nem pôr, do livro recente do sr. Lourenço Cayula, individualidade illustre do nosso jornalismo. *Revisando o Passado*, tal é o titulo da obra em referência, compõe-se de páginas encanta-

doras, pelo seu grande poder de simpatia. Evocando figuras, ídolos elas já no reino da morte, que se notabilizaram, umas na politica, outras na literatura, o autor vê nelas só virtudes, só atributos nobres: assim com o rei D. Carlos, assim com José Luciano de Castro, assim com todos os mais vultos que passaram neste feixe de sentidas recordações, filhas dum espirito que se compraz só em julgar bem, em apertar a vida inteira num grande abraço de bondade. *Vida mortis contine*. O sr. Lourenço Cayula desmente o prodígio. Os mortos, aqueles com quem ele priven e cujos méritos teve ocasião de avaliar, permanecem, com se vivos fossem ainda, na sua saudade. A melhor definição que sabemos fazer do *Revisando o Passado*, titulo suggestivo como penoso, é esta: um braçado de rosas sobre os túmulos de muitas e insignes personalidades contemporâneas.

A um cronista literário deste nosso tempo, tão fecundo em letra redonda, não são permitidas férias, mesmo breves, na sua tarefa. Se as goza, logo se arrepende: os livros que incessantemente o procuram vão-se lhe acumulando sobre a banca, e é, ao regressar, esbarra com um Himalaia de papel impresso. Caso semelhante nos succede agora: ainda que ausentes daqui só uma quinzena, já as obras amontoadas atingem elevado número. E como mais valerá despachá-las, embora apenas em duas ligeiras palavras para cada uma, do que tornar permanente o atraso do seu registro ou, então, votá-las ao silêncio, que é a forma mais agressiva da critica, segue-se o respectivo e succinto comentário:

*Elementos de Filosofia* ministram aos alunos dos dois últimos anos liceais as noções basilares daquela disciplina. Exposta com método e clareza a sua matéria, o compêndio testemunha nos autores, sr. Vieira de Almeida e Reis Machado, apuradas facilidades de pedagogos. *Terras de Amor*, é um livro editado no Brasil em que o sr. Jaime Franco nos transmite, com bastante elegância de linguagem e boa visão de paisagista, as impressões duma viagem que, em tempos recentes, fez a Portugal. Tal trabalho valoriza-se ainda pelo longo preâmbulo, um valioso ensaio de filologia — que o sr. Jorge Guimarães Duplâs lhe concede. *A Carla e A minha divisa*, duas pequenas produções teatraes, tendo a primeira de particular o ser escrita em verso, trazem, respectivamente, nos frontispícios os nomes, já conhecidos como de publicistas, dos sr. Matens Moreno e José Ribeiro Alves Júnior. Equivalente a essas peças, pois ambas representam honestas tentativas de literatura scenica. Os seus temas são delicados temas, porém, já fora do gosto moderno.

CÉSAR DE FRIAS.



Fernanda de Castro



Eduardo Frias

No Salão da "Voga", no Pôrto, exporá ALINANDA o livro "Arte de Bem Comer", uma maravilha num "stand" maravilhoso de pitoresco





EM  
CORDOVA  
(ESPAÑIA)



CAÇADA  
RÉGIA

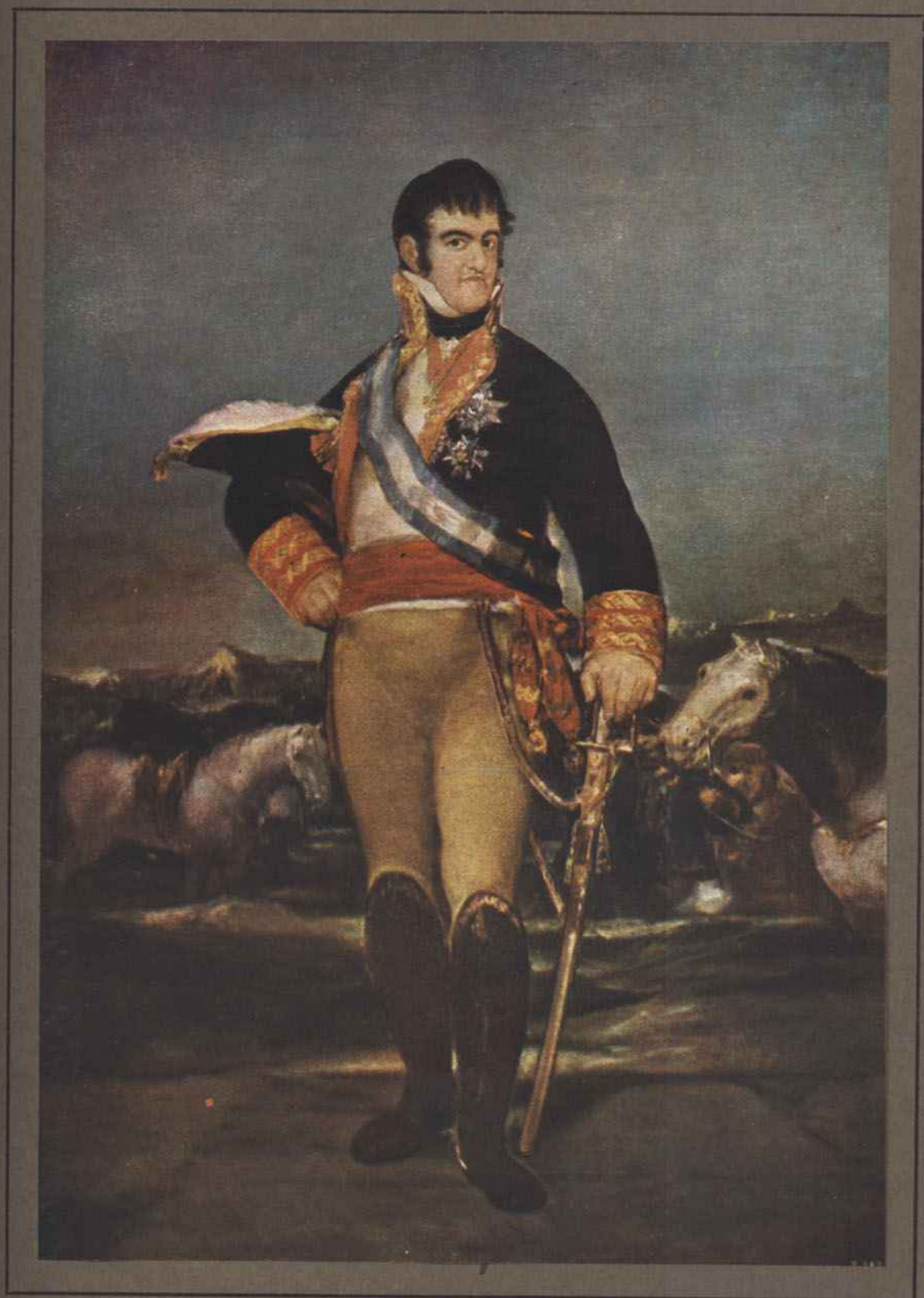


1— Sua Magestade D. Alfonso XIII falante com o Marquez de Viana na floresta El Rincón em Moratalla, onde se realizou a montaria. 2— Uma das pescarias. 3— Sua Magestade o Rei de Espanha no seu posto em «El Esperto» onde matou onze peças de caça. 4— Pessoas que tomaram parte na montaria. 5— Sua Magestade D. Alfonso XIII (1), o embaixador de Espanha em Paris, Duques de Leon (2) e o ex-matador de touros Guerrita (3). 6— O infante D. Alfonso no seu posto. 7— Os convidados: 8. Magestade (X), o infante D. Alfonso, Marquez de Viana, Duque de Arlón, Marquez de Alentós, Conde de Maceda, Quilones de Leon, Marquez de Villanueva de Valdecañas, Conde da Louzã, Conde de Villagonzalo, Marquez de Posar, Duque de Fernán-Núñez, Conde de Elda, D. Alvaro Urzabal, Viscondes de La Rochefoucauld, Conde de Gavín, Marquez de la Romana, Conde de Rivadavia, Marquez de Villabrigida, D. Mariano Urzabal, Marquizes de Valdesvilla. 7— O Marquez de Viana e sua esposa (em solteira D. Sofia de Lancaster (houzã)) dirigindo-se para os seus postos.

(Estas Montañas oferecidas à Ilustração)

No Salão da "Voga", no Pôrto, desfilarão os manequins vivos com criações de Santos & Júlio (Rua Nova do Almada, Lisboa)





FRANCISCO DE GOYA Y LUCIENTES

Retrato de Fernando VII

MUSEU DO PRADO — MADRID



# NOS CAMPOS DE BATALHA DA FLANDRES

(NOTAS DE VIAGEM)

(Continuação do número anterior)

Estas tendas modestas onde o *Brie* era queijo e a manteiga extraída de leite, atravancada com toda a sorte de secos e molhados, onde o *épicier* aviava de avental azul até abaixo dos joelhos ou uma reboluda matrona de *fichu* pelos ombros, com a atmosfera impregnada dos vapores de petróleo e da água de Javel, vão passando à história. Abertas ao pobre e ao rico, nelas não se contava por francos mas por *sous*. Um gatarrão preto, acorçado no mostrador, dardejava da órbita imóvel scintilas de topázio, e era como um luda severo protegendo o negócio.

A *Rue des Baudets*, com letreiros em painel sobre a própria padieira das casas, farças eicias de *choucroute* e harenques fumados à porta, jornais ao pendurão nos alizares das capelistas, com seus tasqueiros e chumecos, existe em Portugal e Espanha *mutatis mutandis*, e neste adorável Artois. Não foi debalde que por aqui passou e deu leis o gênio ibérico, refractário a modernidades. Estes amplísimos largos, *Grande Place* e *Petite Place*, onde os nossos passos são e levantam um eco que se ouve como em Santiago de Compostela ou Salamanca, gison-os o lópis espanhol e por indústria espanhola foram edificados. De 1492 a 1640 esteve o Artois sob a soberania dos reis católicos. Em Arras fundaram um colégio consagrado ao estudo do grego e do latim e ao ensino da retórica, um montepio, e lançaram as muralhas duma praça forte. Paradoxalmente, souberam fazer-se amar os castelhanos. Quando os franceses lhe puseram cerco, ao alto dum bastião appareceu enforeado um espanhol com a estatura e o traje de Luís XI, sobrepujado do escrito mordaz: *Veze-ci le roi bochu*. Não recuaram os habitantes de Arras, inimigos jurados dos franceses, mais espanhóis que os castelhanos, segundo a expressão de Richelieu, diante de nenhum sacrificio para defender a praça. O assédio foi demorado, a ponto de muitas vezes desanimarem os sitiadores. Sobre uma das portas zombava deles o dístico que ficou célebre, atravessado de arrogância espanhola:

*Quand les souris prendront les chats  
Le roi sera seigneur d'Arras.*



Arras. — Grande Place

Capitulou finalmente a cidade, crismando-a Luís XI em *Franchise* para vitupério da sua resistência e como selo da conquista francesa. Vauban, mais tarde, foi chamado a murá-la, gisanlo, em face da sua fidelidade aos princípios da casa de Borgonha, todo um sistema de fortes, de tal modo que a artilharia *commandera fort bien la ville et enflera beaucoup de ruos*. Daí o ser mais tarde

chamada *La belle inutile* a cidadela, capaz de reprimir uma sedição intestina, desarmada para o inimigo que a viesse opugnar.

Ainda em 1654, Condé, ao serviço de Espanha, tentou contra Arras uma investida que se malogrou; pelo tratado dos Pirinéus, cinco anos mais tarde, o Artois foi anexado definitivamente à coroa de França.

Esta *Grande Place* e *Petite Place* são *Plazas mayores*, trasladadas a flamengo. Os mestres de obras que as construíram não vieram de Espanha, é possível. Mas pelo traço geral, a natureza das galerias que as circundam, formadas por arcos de volta abatida e pilares monolíticos, pelo papel que desempenhavam no sistema vascular do burgo, pela índole, se nos reportarmos ao tempo da fundação, revelam bem o dedo do dominador. Como as similares de Espanha foram delineadas em área e em edificações para nelas se desenvolver uma vistosa cavalgada ou procissão, manobrar um tempo, correr toiros e, caso não raro, se queimarem herejes em solene auto de fé. Remontam, de resto, à época dos Filipes, depois que, sob sua alçada, um édito ecchevinal proserveit as construções em madeira, as mais usuais na terra.

A todo o rés das arendas, vamos descortinando, protegidos por grades de ferro, os alçapões para as *boces*. As *boces* — de abobadas — são o prolongamento subterrâneo dos edificios em cujas salas estavam montados os teares de que saíram as tapeçarias, disputadas hoje pelos milionários. A que intuito obedecia aquele trabalhar nas sombras, não mo souberam dizer nem eu o soube descobrir. Deviam ser como galés os antros mara-



Abrigos franceses em tórno de Arras

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão os CHAMPAGNES PIPER-HEIDSIECK — (Reims), os GRANDES LICORES ROCHER FRÈRES e COGNAC REMY MARTIN & C., representados por João Alves de Matos — Rua dos Fanqueiros, 277 — Lisboa



vilhosos. Verdade que as fadas vivem e operam no recesso das grutas e as toupeiras sedosas não suportam a luz do dia. Fosse como fosse, ao que reza a história, nas covas soturnas foram urridos os panos de cruz que deslumbram os nossos olhos.

Ali se acolhiam e moravam os habitantes, até à data em que foi dada ordem de evacuação, quando os obuzes noite e dia choveram sobre a cidade. Arras foi escavacada pelo bombardeamento, e, no entanto, em volta de nós raro se lobrigam ruínas e vestígios da guerra. Mal soon a hora do armistício, prisioneiros e operários de todo o mundo puseram mãos à faina de reconstrução. Havia que fazer.

Poucas cidades sofreram como Arras dos fluxos e refluxos da guerra. Canhonearam-na com igual encarniçamento uns e outros. Ocuparam-na os alemães três dias; rechaçaram-nos os aliados, depois de duro tiroteio, sem olhar a desgraças; mais de mil obuzes caíram sobre o casario; arden o Hotel de Ville em gótico flamejante; veio a terra o *beffroi*, que era o mais alto de França e o orgulho de Arras.

Desalojados, firmaram pé os alemães nas eminências fronteiriças, a uma légua cerca, investindo-a pelas bandas de Este. Sonchez, Neuville, St. Wast, Blangy, Tilloy, Neuville Vitasse constituíam os redutos capitais, donde o inimigo a varejava com toda a sorte de artilharia. Nesta linha se escreveu uma epopeia de sangue e de bravura que escurece a *Iliada*. O cemitério, situado no bairro de S. Salvador, teve de ser organizado defensivamente. Sulcaram as suas avenidas, esfuracando as campas, profundas trincheiras em que, anos a fio, se abrigaram os franceses.

Em fins de 1917, de 4.521 prédios, que contava Arras, só 292 estavam intactos. A antiga abadia de St. Wast e a catedral eram um montão de escombros; arrazada a igreja de S. João Baptista, em puro estilo gótico, consagrada pelos revolucionários de 93 à Deusa da Razão; estroncada na capela das Ursulinas a torre alta, de quina para o plano da fachada; reduzida a ruína de silhares e cascalho *Notre Dame des Ardens*, santuário, desde a Ilade Média, muito concorrido de devotos e romeiros.

Liberton a cidade do furacão quotidiano de ferro e de fogo a ofensiva inglesa de 1918. Só então puderam os foragidos vir procurar seus lares no caos das ruínas. Mas é de tempera dura o habitante do Artois. Em poucos anos reedificou a sua casa, reconstruiu aqueles monumentos, de que timbrava o seu património, reparou outros, desobstruiu ruas, alinhou, afirmou, e, hoje, poucas cicatrizes mostra Arras da longa e temível refrega.

Aquí vamos nós pelas ruas amodorradas, investigando, procurando à luz dos lampeões eléctricos as pedras do calvário. Não se encontram, integradas nas fachadas novas destes prédios de ar satisfeito e dormente. De longe em longe, sob cuniceira solapada, depara-se-nos uma parede de tejo com os rombos formidáveis dos obuzes. Um companheiro aponta:

—Veja! Veja!

E entremostra-se um boqueirão por onde podia passar uma carroça carregada, outras vezes, um pano de muro, crivado de largos e rotundos orifícios, como um alvo, em ponto

grande, das barracas de feira. Quando estes vestígios se desvanecerem, Arras, dealhada da guerra, mostrará uma face pimpante e rejuvenescida. E o pezadêlo, como tudo, terá passado!

**ESTRADA DE AMIENS.** — Sob a luz álgida da tarde, deixamos Arras, com seus muros alvacentos a cal e a escaiola, as suas telhas ainda rúbidas do forno, e corremos, a toda, na lisa faixa de asfalto que leva à capital da Picardia. Parou a cacimba e a bruma não é mais que um tenuíssimo vapor estufando a sinopla os confins dos horizontes. O automóvel vai devorando os quilómetros e cantando, cantando o rigodão com que o viajante se sente embalado na ondulosa e fugitiva paisagem.

A natureza transformou-se; já a todo o longo do caminho nos fazem continência velhas e copadas árvores; já a planície, rasa até aqui, nos aparece vestindo as roupagens especiosas do outono. Aldeias e lugarejos que costeamos têm o seu bosque e o seu pomar. Não nos oferecem, dentre a folhagem verde, luzentes como astros miniatuiais, laranjas e limões, porque não têm disso; mas exibem uma fecria de cores e de tons que é o pasmo dos nossos olhos.

Neste arrastado outono são como as princesas do Oriente, que se adereçavam de todas as pedrarias para o leito da morte, as árvores da Europa setentrional. Na primavera nunca

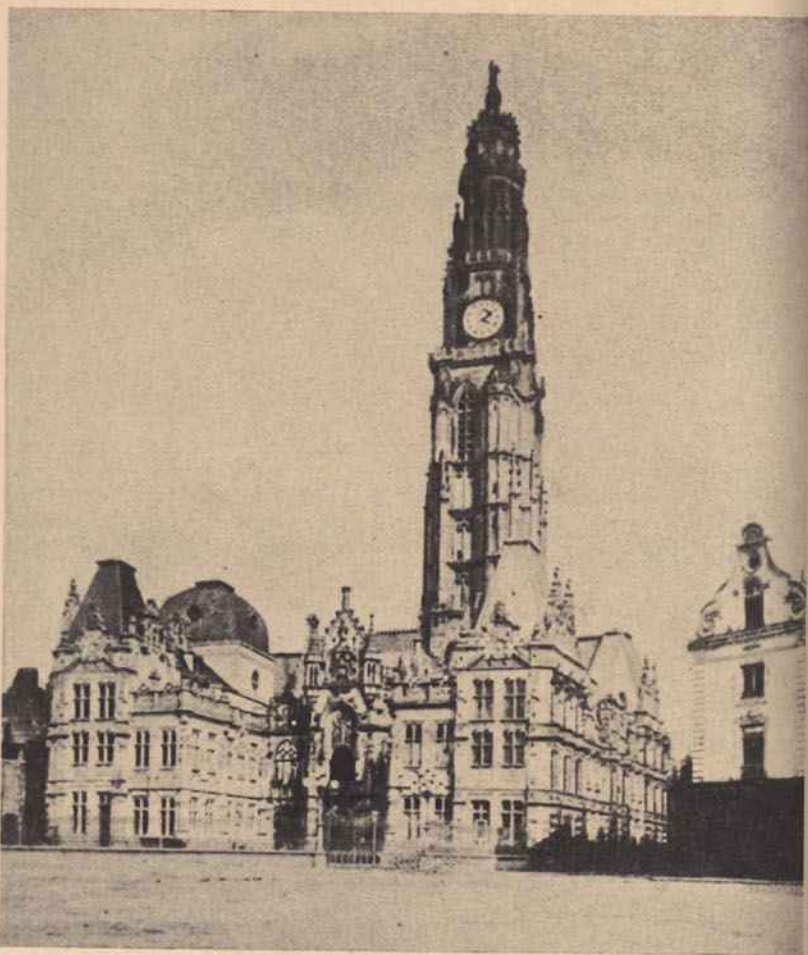
atingem a tonalidade quente, o verde quasi negro das árvores do sul. Mas Outubro chega e, mercê da clorofila ou da luz difusa do Norte, se não da queda da temperatura, a folhagem transmuda-se na mais estonteante e variagada lençaria. Todos os brocados sacerdotais, com seus oiros tostados, suas lhamas esmaecidas pelo tempo, seus vermelhos ternos, seus azuis inefáveis, todos os damascos, tôdas as sêdas policrômicas, em monte, em flocos, em estendal, não desfraldariam perspectiva capaz de contender com a destes bosques, relanceados no perpassar das estradas. São sinfonias de cor, refractórias à paleta mais sensual.

Compreende-se que, atrás destas esplêndidas cortinas, haja fadas e bons génios, dados à generosa tarefa de endireitar a sina de pastoras tristes e príncipes de alma pura, mas desgraçados. Compreende-se e aceita-se a mitologia da floresta com seus poéticos e caprichosos habitantes, sílfides, gnomos, elches, driades, que sei eu!

Deu-nos a nós, portugueses, em património, a madre-natura, o céu azul e o sol claro. Legou a floresta à gente do Norte. Consentiu-nos o regalo da mata; à mata, porém, dá-se-lhe volta; corta-se-lhe a lenha; nunca foi sagrada; nunca vieram habitar nela divindades.

(Continua.)

AQUILINO RIBEIRO.



Arras. — Casa da Câmara. (Antes do bombardeamento)

**No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostas as fotos de arte de Henri Manuel, de Paris, e Mário de Novais, de Lisboa**



# CRÓNICA MUSICAL

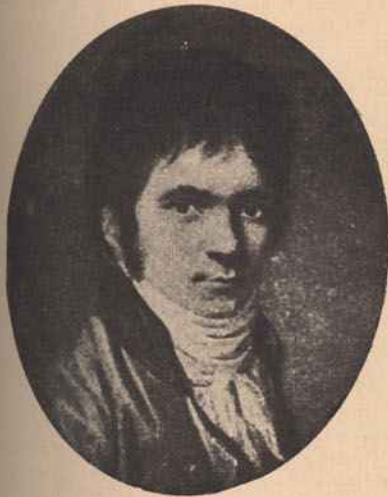
## FACTOS — IMPRESSÕES — OPINIÕES

### BEETHOVEN

A SÉRIE DE CONCERTOS ORGANIZADA POR

#### VIANA DA MOTA

Viana da Mota, o magistral artista que realizou em Lisboa, há duas temporadas, a audição integral das sonatas de Beethoven para



Ludwig Van Beethoven, na mocidade

piano, em número de 32, prosseguindo na sua obra de divulgação e pedagogia artística, organizou agora, em seis concertos, a audição integral dos 7 trios de Beethoven com piano, das suas 10 sonatas para piano e violino, e das suas 5 sonatas para piano e violoncelo.

Têm-se lembrado, — já se levantou até uma pequena celeuma jornalística sobre o assunto, — as personalidades artístico-musicais que no último meio século prepararam a cultura musical em Portugal, valendo-se de Beethoven, pois que Beethoven foi de todos os génios o mais universal. De facto, todas as sonatas de piano já tinham sido tocadas em público, excepto duas, salvo erro, — op. 78 e op. 106, — estando os pianistas do nosso meio familiarizados com algumas, e dos trios também se tinha dado audição integral.

Porém, a maneira condensada como Viana da Mota realiza o seu propósito, e numa altura em que o público desse género de música crescem de dezenas para centenas, vem trazer um rigoroso realce ao conhecimento da

obra Beethoveniana. Nos catálogos de diversos autores célebres e não célebres, encontramos facilmente número de obras muito mais elevado do que a cifra relativamente modesta atingida por Beethoven, — 138, — sem contar as composições com número em duplicado e aquelas sem número algum. Mas se nos lembrarmos que sob um número só estão muitas vezes agrupadas três obras-primas, e que enquanto a posteridade guarda para si, — para nós, — uma limitada percentagem da produção total de tantos e tantos compositores, em Beethoven quasi tudo mereceu sobreviver-lhe e há de sobreviver-nos, algumas obras num crescendo de Beleza e Emoção parece que infundo, sentimo-nos simplesmente esmagados primeiramente, e depois consolados e confortados, e depois consolados e confortados, quando a Fé nos visita.

Em audições no género destas a que nos estamos referindo, além da força com que se nos impõe um autor e sua obra, há a curiosidade do estudo comparativo, a variabilidade de aspectos duma mesma personalidade, a análise da evolução, e porventura, a descoberta de belezas contidas em composições que tinham sido postas de parte pelo gosto arbitrário de alguns intérpretes de nomeada.

Não se segue tão bem passo a passo Beethoven através os trios e as sonatas a duo como através as sonatas para piano ou as sinfonias. E compreende-se facilmente, pela diferença de carácter que existe, entre a sonata com a voz alada do violino, ou ainda com os dois instrumentos a dialogarem mais o piano que ora faz fundo ora acrescenta a sua voz como solista... E quere-nos parecer que Beethoven se serviu, por vezes, da sonata com violino ou com violoncelo, para um pouco de «écôle buissonnière». Os «trios», pelo contrário, parece que os tomou sempre muito a sério.

O Beethoven sombrio e estranho, de figura exótica, «gesticulant, les cheveux en broussaille, la peau couler de brique», facilmente irascível ou selvaticamente alegre, tem de dar aqui lugar, — e dá-o de bom grado, estamos certos, — a um Beethoven muito mais apresentável, quasi bonito, atraente pela vivacidade imperativa do olhar e a expressão franca de toda a fisionomia. É o Beethoven que em 1793 publica o seu op. 1, — os três trios que acabam de ser interpretados nos três primeiros concertos por Viana da Mota, com a colaboração de Paulo Manso e Fernando Costa!...

A esse tempo, Beethoven tinha acabado de aprender contraponto com um célebre contrapontista — Albrechtberger, — música scenica com Salieri, compositor de ópera, a

quem dedicou três sonatas de piano e violino, e com Schenk, compositor de ópera-cômica, composição com o maior compositor da época, desde que morrera Mozart, — ou seja o imortal Haydn, com quem, de resto, nem sempre Beethoven se entendeu, recusando-se a dedicar-lhe os trios op. 1, mas dedicando-lhe as sonatas para piano op. 2; por outro lado, primeiro em Bonn, sua terra natal, depois em Viena, famílias das mais aristocráticas — De Breuning, Waldstein, Lichnowski e outros, cujos nomes ficaram imortalizados por importantes dedicatórias de obras Beethovenianas, — velaram pela cultura geral de Beethoven, e hospedaram-no carinhosamente... Mas a personalidade de Beethoven, em todos os seus aspectos, incluía uma rebeldia que se manifestava por uma insofrida independência, e se assim não fosse não tinha ele sido a Fôrça cega e ao mesmo tempo extra-vidente que foi.

Esses trios op. 1, com que o mundo havia de ficar deslumbrado de pronto, se o mundo não precisasse de que lhe deixem os tristes



Alexandre Glazounov

olhos acostumar-se a uma luz mais violenta, uma cor mais viva, uma paisagem nunca vista, eram já uma cartada régia jogada por Beethoven, de mão já experimentada e espírito já amadurecido. Muito do que ele publicou depois, embora retocado, emendado, seria de esboço anterior.

**No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão representados os VINHOS BORGES, porque os "vinhos Borges são vinhos"**



Tôdas as sonatas dêstes três primeiros programas cuja interpretação ouvimos a 17, 24 e 31 de Janeiro, correspondem também a êsse Beethoven-moço, pois vão até 1801, só uma até 1802, tempos em que lhe sorria o amor e a amizade sem desconfianças, em que era festejado por tôda a fidalguia vienense, em que tinha já a plena consciência do seu Génio imenso, e em que a surdez que o ia ameaçando e de que guardava zelosamente o mistério, se era já uma sombra angustiosa, não lhe tinha ainda dado tempo de deserer da cura.

Dêste período ao período que vamos atingir no último concerto, vai tôla a transição que lêz do Beethoven do medalhão que hoje publicamos ao Beethoven amargurado da máscara, cuja reprodução será publicada. A nossa maior ternura, a nossa maior gratidão vão para ela, porque o maior refúgio sempre o há de abrir o coração, que o sofrimento amolga sem empederni-lo.

ALEXANDRE GLAZOUNOW

Alexandre Glazounow, que a nossa fantasia nos pintava esbelto, de barba loira, olhos claros e olhar sonhador, veio a convite da Empresa dos Concertos Sinfónicos do Tivoli reger um concerto de obras suas a 26 de Janeiro findo, — e deparámos com um homem muito alto, sim, mas demasiadamente gordo, sem barba, e de olhos escuros e olhar agudo, 63 anos doentes e pesados. No entanto, não tivemos decepção: o que vale a feição comparada com a expressão? E a expressão de Glazounow é duma humanidade que resgata tôdas as deformações.

Mas apesar da lealdade absoluta que o seu olhar reflete, o livro aberto está escrito numa língua que não entendemos. E é preciso perguntar, quasi com a impressão de que se é indiscreto, doutro modo parece que Glazounow sabia de Portugal sem mais uma palavra do que as indicações breves acerca da interpretação das suas obras e as elogiosas referências à orquestra, que o trata também com veneração carinhosa. E a cada pergunta, a resposta vem clara, sem rodeios nem subterfúgios. «Não conhece Falla, não creê em Stravinsky, não gosta muito de Vincent d'Indy, prefere-lhe sem comparação Debussy, e mesmo Saint-Saëns. Paris continua acolhendo a música russa, Emil Cooper (o chefe de orquestra que Lisboa aplaudiu entusiasticamente em 1925 e 1926, prepara a montagem de quatro óperas russas, — três de Rimsky-Korsakow e o *Príncipe Igor*, de Borodine, — no teatro dos Campos Elíseos.» Sobre música, temos a impressão de que Glazounow falaria com abundância, embora não cause como causa com questões de escola, ideologias, metafísica, e tendências sociais das suas obras. Porém, nós não sabemos alheiar a Rússia da idea politica, — e sobre êsse terreno não avança, nem um passo sequer, o grande compositor russo. E o mistério dos seus olhos leais, a sua doença de coração, põem-nos de novo a fantasia em trabalhos, — porventura tão acertados como aqueles que nos evocavam um Glazounow esbelto de olhos azues e olhar sonhador.

Os curtos dias que o representante actual do romantismo-lírico russo passou entre nós deixaram-nos e deixaram-lhe a êle, parece, uma impressão dura e dura; êle próprio já ex-

primiu por carta «l'enchantement de son séjour féérique au Portugal», e Lisboa-musical, que já conhecia alguma coisa da sua vasta obra musical, ficou agora com um conhecimento mais variado, mais caracterizado, embora Glazounow não seja chefe de orquestra de profissão, e seja como intérprete o símbolo da sobriedade.

O facto de ter, além de muita obra individual e de câmara, oito sinfonias, prova de certo actividade a dentro do amor às formas clássicas; contudo, não bastava o número para a importância do artista compositor. Chopin e Debussy não deixaram nem uma única sinfonia, e ninguém por isso lhes negará Génio, nem transcendente importância na evolução musical.

Numa entrevista, davam Glazounow como membro do célebre «grupo dos cinco», a



Bronislaw Huberman

saber: Balakirew, César Cui, Borodine, Rimsky-Korsakow, e o entrevistado, quando na realidade êsse número 5 é Moussorsky. A verdade é que Glazounow foi discípulo de Balakirew e de Rimsky, que poderiam delegar nele a continuação da tradição musical nacionalista russa com que êle pudesse arcar.

De facto, o grande valor de Glazounow, — valor que para nós sobressaiu mais claramente na suite *Moyen-Age*, — é ter personalidade quer na invenção temática e melódica, quer na instrumentação, sem empregar o que se chama «processos», e apesar de sair dum lirismo por assim dizer rudimentar. E sem compartilharmos da opinião de Glazounow sobre Stravinsky, não deixamos de ver também na modalidade oposta de Glazounow um poder de expressão nacionalista e de expressão «tout court», que lhe dão um lugar honroso na história musical contemporânea.

MARIA ANTÓNIA DE CASTRO

E

BRONISLAW HUBERMAN

No 9.º concerto sinfónico, sob a regência de Pedro de Freitas Branco, apresentouse uma jovem pianista, — 18 anos, — Maria Antónia de Castro, discípula do abalizado mestre francês Philipp, acostumada desde a infância aos triunfos, às ovações, quer no Brasil, sua pátria, quer em Paris.

Trata-se realmente duma rara vocação de concertista-virtuosa, de musicalidade segura e temperamento maleável, como provou no 2.º concerto de Saint-Saëns, onde foi impecável de estilo, e na «Fantasia húngara», de Liszt, onde foi admirável não só de técnica mas de carácter.

Dias depois, para a perplexidade de quem se empenha em medir, em comparar, em classificar, apresentava-se em dois encontros no S. Luis o violinista Bronislaw Huberman.

Chegados a tão prodigiosa técnica, tal poder de sobrehumana sonoridade, ao serviço de tanta elevação artística, não há mais nem medida, nem comparação, nem classificação. Siegfried Schultze, o pianista que acompanha Huberman, artista de categoria, que se houve em páginas de grande responsabilidade sem uma falha, nem como concertista nem como acompanhador, pôs-nos mais em evidência ainda, se possível for, o enigmático condão que transpõem noutras regiões acima do nosso entendimento analítico os Intérpretes da espécie de Bronislaw Huberman, que engrandece a Polónia, porque é polaco, e a Alemanha, porque foi discípulo de Joachim e reside em Berlim quando não percorre o mundo.

Nem tôdas as fotografias reproduzem o mais curioso aspecto da sua estranha fisionomia. O gesto voluntarioso do queixo e do beigo inferior, o imperioso ar das sobrancelhas carregadas, marcam bem o vencedor das multidões, e é êsse o aspecto mais fácil de focar; mas a sombra que lhe corte pelas faces, a bizarría do olhar defeitoso, o largo sorriso facilmente irónico, a inteligência subtil das feições que parecem não guardar nem um instante a calma, a silhueta de «clergyman» a consumir-se no fogo sagrado dum grande Ideal formam um conjunto que nunca mais esquece pela originalidade da originalidade, por assim dizer.

Em Bach, em Beethoven, nos concertos de Tchaikowsky e de Mendelssohn, nas pequenas págnas de docura ou no modernismo mais arrojado, deixamo-nos constantemente enlevar pelo genial Intérprete. Mas na Sonata de Franck, que tínhamos tanto receio de ver manchada por qualquer pormenor de virtuosidade deslocada, tivemos a absoluta impressão dum sortilégio: a sonata personificada, estreitamente abraçada a nós, ecoando nas fibras mais íntimas do nosso ser os seus sonhos de ternura, as suas tormentas, os seus desvarios, a sua resignação, finalmente a sua ascensão triunfal para as alegrias que não hão de ter fim!...

E tal foi a impressão, que ela tem perdurado, viva e clara, como uma presença invisível, mas real e acalentadora.

Janeiro-Fevereiro de 1929.

FRANCINE BENOIT.

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostas as maravilhas mecânicas e acústicas que são os super-gramofones POLYDOR, de fabrico alemão, da Galeria de Novidades — Pôrto



# “THE RETURN JOURNEY,” OU O NOVO (FAUSTO) INGLÊS



Fausto e Mefistófeles, por Ernst Stern

O tema do Fausto... A lenda maravilhosa que o Renascimento corporizou no velho nigromante de Knittlingen, no Württemberg; a história dolorosa do sábio que vendeu a alma ao demônio a troco do amor e do conhecimento dos segredos insondáveis do universo!... Sempre este tema persistirá tentando poetas e dramaturgos, tão actual se mantém como expressão eterna das lutas da Humanidade com o tempo e com a forçada limitação a que nos condenou a nossa miserável contingência!... É que, só os santos conhecem a verdadeira atitude a tomar — a Renúncia pacificadora — e essa não a sabem adoptar os homens na sua quasi totalidade... A confiança em Deus, a conformidade com a vontade onisciente, a Renúncia, enfim, nas mãos do Criador, a tôdas as inúteis aspirações que milenariamente andaram, andam e andarão comburindo o espírito humano, eis o caminho único, mas dolorosíssimo e heróico, desprezado por quasi todos nós... Daí, o choro desesperado em que todos nos consumimos perante a inevitabilidade da morte corporal e as dúvidas cruéis das nossas almas!... Tema eterno, dolorosa e tragicamente belo e humaníssimo!...

Dois são os aspectos principais dessa lenda velhíssima, e os quais com maior intensidade agitam a miséria humana: a tragédia do envelhecer e o drama das lutas do Homem na penosa ascensão da Sciência. Ambos se resumem na escalada do céu e terminam sempre na derrocada fragorosa dos gigantes, precipitados da torre do seu orgulho pelos raios da potestade suprema... Porém, um d'elles, a tragédia imensa e inconsolável do envelhecer, esse é, porventura, o mais humano; o que mais agita e revolta a nossa alma: começa com os sonhos da juventude e vai abrindo em roseiras espinhosos pela

vida fóra... Mas roseiras tão frágeis, tão mortais que, a bem dizer, mais não são que sombras de sombras, perfumadas e fugidias, ante-visões precárias do Grande Sonho... É que, sem a enorme sabedoria dos santos, jamais o Homem compreenderá, aceitando-o resignadamente, o grande drama da Humanidade. Persistira afincadamente no seu propósito vaníssimo de reter, de fixar o momento de ouro, o instante — malaventuradamente mortal — da felicidade terrena, para, depois, chorar com desespero a sua inevitável derrota... De todos os grandes sonhos do Homem eleva-se entre elles o do amor, ao qual se opõem sem possibilidades de resistência por parte daquele, a Velhice e a Morte, sua companheira de todos os momentos. E o Homem não se resigna, jámais se resignará talvez a que seja impossível o regresso à juventude porque, se os corpos envelhecem, o Sonho continua a morar em nossas almas. E a luta continúa: vem desde as retortas dos alquimistas medievais, eleva-se nas locubrações estereis dos filósofos e vai morrer precariamente nas glândulas dum pobre simio, última descoberta do saber humano...

Ora esse aspecto da lenda faustiana que o povo ingénuo insuflou no velho conto da velha e do fole, e dois grandes dramaturgos realizaram em peças imortais, esse aspecto, repetimo-lo, é talvez o que mais impressiona o espírito humano, aquele que mais palpavel se torna a quantos assistem num doloroso



Artur Kampf. — Mefisto ante o cadáver do Dr. Fausto



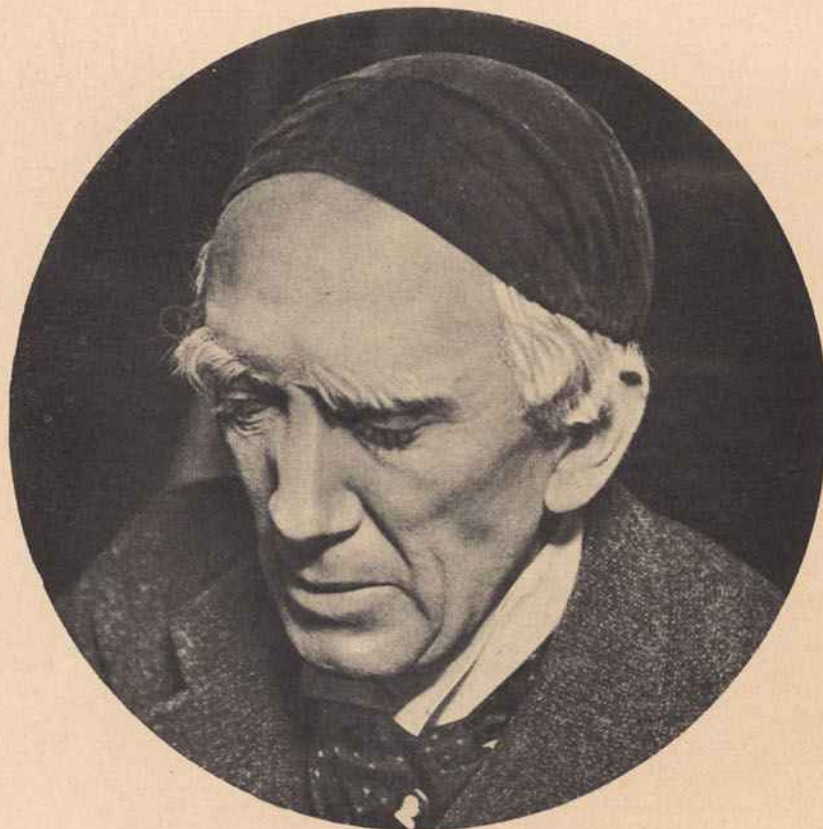
Fausto e Mefistófeles, segundo Cristiano Van Nichein

visível talvez, porque a época era ainda de grande religiosidade, a fé dominava os espíritos e estes mais se preocupavam com o destino de além túmulo do que com a existência definitiva sobre a terra. Ou então, quanto muito, ambos os aspectos andavam a par e o dramaturgo procurou pôr em evidência a desgraça inarrável que seria a perda da bemaventurança. O amor, o desespero da luta entre este e a velhice, entram em muito pouco para o contexto da peça de Kit Marlowe: o próprio epiflogio, quando Fausto é arrebatado pelo diabo, no-lo demonstra ao chamar a atenção dos espectadores para os formidáveis perigos da ambição humana:

*Quebrou-se o ramo que livremente se erguia para os céus; consumiu-se o allivo loureiro de Apolo que no homem erudito vicejava. Fausto morreu. Homens: ponderai na sua morte; será ela que deverá advertir os mais prudentes dos perigos a que se arriscam todos quantos nas suas aspirações vão além dos limites e, invocando os espíritos, desejam atingir a sciência que Deus occultou.*

Mas, na peça de João Goethe esse aspecto da lenda ganha uma corporisação quasi





Sir Gerald Du Maurier no papel de Faustina de «The Return Journey», no Teatro St. James, de Londres.

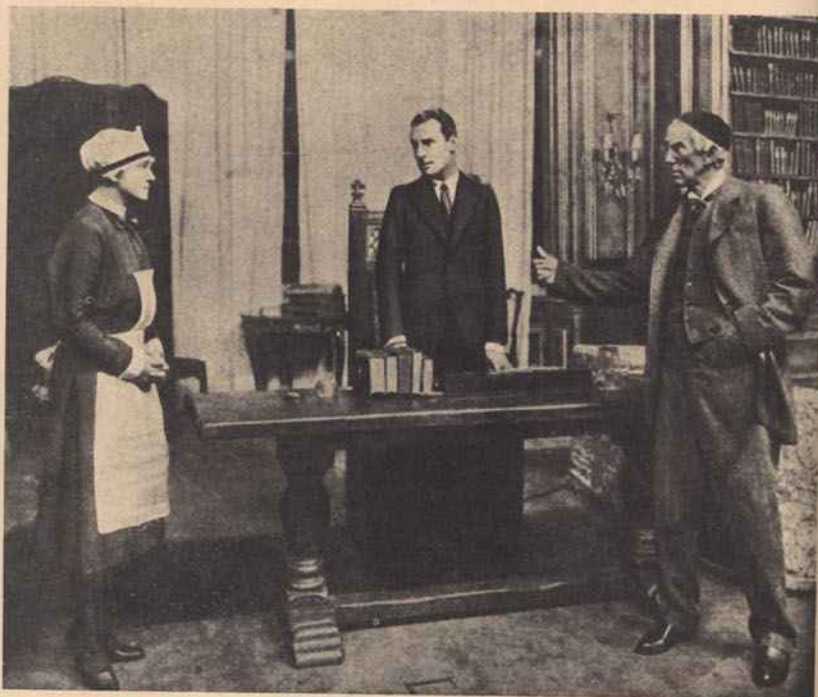
resto da Humanidade e o qual, depois de ter constatado a inanidade dos esforços humanos para conhecer o segredo do universo, se revolta orgulhosamente contra a sorte imposta à Humanidade e entra deliberadamente pelo caminho do pecado e da embriaguez dos sentidos, entregando-se no prazer, única realidade tangível sobre a terra. Para o sombrio herói do primeiro *Fausto* os gozos do espírito só decepção podem trazer: a sabedoria humana é inútil e desoladora: é o próprio Fausto que o confessa logo de entrada no seu monólogo célebre:

*Habe nun, ach! Philosophie,  
Juristerei und Medizin,  
Und, leider! auch Theologie  
Durchaus studiert, mit heissem Bemüh'n  
Da steh' ich nun, ich armer Thor!  
Und bin so klug, als wie zuvor.*

A vida torna-se-lhe, pois, intolerável e tenta sair dela pela porta falsa do suicídio até que resolve entregar-se ao demônio sob condição de este o aturdir com todos os prazeres materiais de que possa dispor. E, como um verdadeiro herói romântico, mergulha em todos esses prazeres, incluindo a própria voluptuosidade carnal, seduzindo Gretchen e confessando-se sempre insatisfeito, desgostoso, entediado... Por isso as sucessivas gerações românticas representaram e representam ainda adentro do próprio espírito a tragédia goethiana: todas estão ali retratadas, e a própria Margarida não escapa ao contágio rousseauista, tamanha a facilidade com que se deixa cair nas redes do primeiro sedutor que lhe aparece, sem lutar, entregando-se sem escrúpulos, legitimando tudo pelo amor, pelo instinto irresistível, e excedendo até a própria Júlia do filósofo genebrês... E, como observa um crítico arguto, a vitória do amoradismo, o esquecimento da moral tradicional, a absolvição total do amor

exclusiva a tal ponto que todos conhecem e sentem o primeiro *Fausto*, pondo de lado o segundo que fica assim reduzido a uma genial produção para uso de sábios e eruditos. A primeira parte da tragédia goethiana essa possui tamanha humanidade, está tão adentro do palco da alma humana que, todos a representam a cada momento e entre as paredes do próprio crânio. É isto porque, no *Fausto* do grande poeta alemão se resumem todas as ideias literárias e filosóficas anglo-germânicas do século XVIII, ainda hoje dominantes na maioria dos espíritos. Perdidas, — ou antes obliteradas — nas almas, as claras e consoladoras doutrinas do catolicismo acerca do homem e do seu destino, só restavam o pessimismo desesperador para as inteligências cheias de bondade, ou a filosofia materialista do aludido século para os de espírito facilmente acomodaticio. E é essa filosofia que enforma todo o *Fausto*, muito embora o herói goethiano jamais cesse de invocar Deus, o que não passa dum mero disfarce, bastante ilógico é verdade, mas que tinha a aboná-lo o exemplo do próprio Leibnitz... Mas, ao lado disto — que tão bem resume as ideias filosóficas e literárias do século XVIII — surge o drama romântico dos amores de Fausto, a *Gretchentragedie*, com a sedução da pobre Margarida, os seus crimes, a sua morte e expiação, isto é o drama que viveu e vive em tantas almas caldeadas pelo Romantismo vindo de Rousseau, repetido depois em todos os tons durante o século findo e até mesmo em nossos dias. A dolorosa humanidade do *Fausto* está em ele apresentar tudo quanto viveram e pensaram

essas almas, afastadas da correção necessária que até então fora fornecida pelas ideias católicas. O dr. Fausto é uma autêntica personagem romântica, que se coloca acima do



Uma scena de «The Return Journey», ou «O Novo Fausto», no Teatro St. James, em Londres.



que passa por cima de todas as leis e convenções.

E foi esse primeiro Fausto, antítese completa das ideias e disciplinas tradicionais, que o Romantismo compreendeu, aplaudiu e aplaude por nele se ver retratado e defendido, o Fausto da pretendida libertação humana e da obediência passiva às solicitações do sub-consciente. O outro Fausto, o da segunda parte do poema em que o herói, personificando as conclusões da experiência de Goethe, procura a reparação do mal cometido, devotando-se a favor da Humanidade e corrigindo o seu extremo individualismo, esse não foi compreendido nem aceite pelas gerações românticas. O que para eles ficou eterno foi a negação contumaz e cínica de Mefistofeles, a atitude desprezadora e entediada de Fausto, a colonestação da obediência aos sentidos, o vazio procurado da existência, a ausência do sentido de viver, o desespero do envelhecer, o apêlo ao suicídio ou o mergulho deliberado em todos os prazeres — para logo os malizar e desejar de novo. A morte, eis o espectro formidável ao qual as sucessivas gerações românticas foram pedir emprestada a sua inspiração. Mas, a morte sem esperança, nem fé nem caridade: aquele género de morte que, muitos anos antes da sua efectivação, nos enche de suor gelado e põe agonias pavorosas em nossas almas por nada mais nos prometer que lágrimas, vermina, total aniquilamento nosso, desaparecimento bruto, inexplicável e para sempre, das nossas criações de Beleza e de Amor!... A morte, como termo inelutável de tudo quanto é belo e bondoso e santíssimo, seja de um grande amor humano ou a inelutável e consoladora esperança da visão de Deus, eis a raiz de todo o pensamento romântico, a essência de todos os Faustos que na peça do grande poeta germânico foi encontrar a sua plena simbolização.

Como resultante, o mais descarável, o mais falacioso materialismo, encobrisse-se ele ou não com vários e inúteis epítetos — o panteísmo por exemplo, tão desconsolador como qualquer pura e simples negação...

Ora o novo Fausto que no St. James Theatre, de Londres, o escritor inglês Arnold Bennett acaba de apresentar sob o título sugestivo de *The Return Journey*, e no qual os críticos britânicos quiseram ver um ataque aos processos do dr. Voronoff e às teorias do Professor Steiner, esse novo Fausto não é mais consolador do que os seus grandes predecessores. A trama da peça reduz-se a pouco: o dr. Fausting, octogenário, trémulo, alquebrado, trava relações com um indivíduo enigmático, Satolloyon, possuidor do segredo do rejuvenescimento. Embora Satolloyon o advirta de que tal operação apenas actuará por pouquíssimos anos, o dr. Fausting não pode resistir ao desejo de tornar a ser jovem. Logo que o seu amigo o rejuvenesce, Fausting começa a comportar-se como um autêntico mancebo e apaixonou-se por Margarida Maider que, ao tempo, já era noiva de Richard



Margarida Maider descobre, por um artigo de jornal que o Dr. Fausting não é o jovem que parece mas sim o velho professor de Cambridge



Satolloyon, tentando o Dr. Fausting com o rejuvenescimento

Young. Também ela se sente atraída pela mocidade do dr. Fausting... E durante algum tempo vivem felizes, felicíssimos até. Mas essa felicidade dura pouquíssimo: um dia um jornal torna público o rejuvenescimento de Fausting. E Margarida, horrorizada com a ideia de ter amado o octogenário que, agora, se recordava ter visto muitas vezes em Cambridge trôpego e alquebrado, quebra imediatamente semelhante amor e volta para Ricardo Young deixando o pobre doutor cheio de desespero e de saudades... enquanto Satolloyon, a enigmática personagem, sorri vitoriosa e sardônicamente...

teima principal — a dôr de amar como em plena mocidade a pesar da extrema velhice, — foi já explorado em todos os tons pelos dramaturgos e, entre nós, pelo falecido Marcelino Mesquita. Mas a peça de Arnold Bennett possui a mais que as suas predecessoras um certo *quid* de ridículo que só aparece quando bem a analisamos: é que esta moderna versão da lenda faustiana, se nos adverte dos riscos a que se expõem os que se submetem ao rejuvenescimento, é porque tal rejuvenescimento... só dura poucos anos!... Ora a verdade, a grande verdade, é que, mesmo no caso de tal rejuvenescimento durar um dilatado espaço de tempo, nem por isso a velhice rejuvenescida poderia lutar vantajosamente com a gloriosa e perfumada mocidade... O problema ficaria de pé como sempre... A idade dum indivíduo aterra, ainda mesmo que ele pareça um autêntico mancebo. E, para a sêde, para o desejo de viver que todos nós sentimos, mais uma vida, — ou antes um aditamento terrestre a essa vida — que vem a ser senão um mísero paliativo, uma correcção illusória à nossa contingência, à fatalidade inelutável da morte? Se em nossas almas, com o rejuvenescimento dos corpos voltam a enflorar-se de novo as illusões da mocidade, os sonhos de amor, as esperanças candidíssimas dos anos juvenis, ai de nós que persistimos em esquecer o alto destino para que fomos criados!... Por sobre toda a ciência humana, empoleirado na pilha mais alta dos livros donde o homem encerrou as maravilhas do saber dolorosamente adquirido, lá estará o corvo de Edgar Poë crochitando o seu trágico e desesperante *Never more!*...

Não é, pois, o facto de o rejuvenescimento dos corpos durar — ou poder durar — pouco tempo, que há a considerar na tragédia humana. Esta reside apenas na impossibilidade terrena em que todos nós nos encontramos de fixar os momentos de oiro da vida, ou de riscar para sempre as míserias a que nos sujeita a nossa contingência.

Só a Fé consegue tranquilizar a nossa formidável, humaníssima angústia. As outras soluções, — científicas, literárias ou filosóficas — mais não logram do que aumentar o horror dessa angústia...

A peça é isto, e valha a verdade, coisa nenhuma nos apresenta como novidade. O

ALVARO MAIA.



O Dr. Fausting começa a sentir a fascinação de Margarida Maider

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostas as porcelanas eléctricas e uso doméstico da ELECTRO-CERÂMICA de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da Península





Indígenas preparando-se para a pesca no lago Tchad

É lícito fazer uma classificação das sociedades primitivas em povos caçadores e povos pescadores. Só mais tarde se domesticaram animais, se criaram rebanhos e se fizeram sementeiras. A carne, tanto de animais terrestres como de animais marinhos, precedeu de muito o pão na alimentação do Homem.

Nesses remotos tempos, o peixe era colhido e consumido nas regiões costeiras, das quais constituía o principal senão o único recurso alimentar. Ainda hoje certas tribos africanas estão sujeitas a esse regime. Depois, com os progressos da civilização, os produtos alimentícios vindos do mar foram penetrando pelo interior dos continentes. Actualmente come-se peixe por toda a parte onde o comércio se estabeleceu.

Com os produtos alimentares aproveitam-se, dos animais marinhos, outras substâncias, como gorduras e óleos. Tempo houve, mesmo, em que se pescavam os grandes cetáceos para lhes aproveitar a gordura, desprezando tudo o mais. Hoje come-se carne de baleia, aproveitam-se-lhe as vísceras, o esqueleto e a pele. Dos tubarões utilizam-se os ossos para misturar, depois de reduzidos a pó, na alimentação dos animais, a carne para conservas alimentícias, a pele para



Seca do bacalhau

enlçado e para livas, além da cola e certas matérias pigmentares que têm emprego industrial.

A baleia pescava-se antigamente nos mares europeus, parecendo que os normandos levaram essa indústria a todas as regiões marítimas onde se fixaram. Provavelmente aprenderam com eles os bascoíños que conservaram, durante alguns séculos, ao que parece exclusivamente, a arte de capturar a baleia com arpões e de lhe extrair o óleo. A carne do grande cetáceo era tida como bom alimento na Idade-média, e usada principalmente na quaresma; de certo por atrazo de classificação zoológica. A lingua constituía prato estimado que se reservava para os grandes da terra, tanto seculares como eclesiásticos.

Hoje os pescadores têm de procurar as baleias nas regiões polares, e, para que a espécie não se extinga foi necessário limitar as pescarias.

capturados (esqueleto, carne, gordura, vísceras e pele), e têm de obrigá-los a poupar os animais vivos e as mães que os acompanham.

Em compensação desapareceu o perigo da pesca. Já se não vê o marujo de arpão em punho, aproximando-se do monstro na sua pequena baleeira. O arremesso do arpão faz-se por meio de um canhão de invenção norueguesa.

Das focas aproveitam-se também a carne, a gordura e a pele, não só para uso das populações das regiões árticas, mas também para exportação. Pescam-se as ostras no Oceano Índico, principalmente para colher pérolas, e não são pequenos os prejuízos a que se sujeitam os mergulhadores com o intuito de tirar do fundo do mar uns objectos que só se empregam como ornato. Pesca-se a lagosta e remete-se viva para os centros consumidores. Certas lagostas que se vendem em Paris, conhecidas pela designação

# VIDA SCIENTIFICA OS ANIMAIS MARITIMOS E A NOSSA ALIMENTAÇÃO

de lagosta de Marrocos, foram pescadas na Senegâmbia. Passaram, de viveiro em viveiro, até aos restaurantes dos «Boulevards».

Em matéria de alimentação é, porém, ainda o bacalhau que tem maior consumo entre os animais marinhos que aproveitamos. As nossas sardinhas de conserva entram hoje comumente como «hors-d'oeuvres» nas refeições das pessoas de boa mesa; o nosso atum constitui também uma conserva muito apreciada; mas como género de consumo geral, em refeição de pobres e em mesa de ricos, nenhum peixe destronou o bacalhau.

Não poderia dizer isto quem esquivasse em França. O bacalhau desacredeitou-se em Paris, talvez por se lhe chamar em tempo comida de pobres, e de isso se queixam alguns franceses que sabem como o bacalhau é facilmente digerível e constitui um alimento rico de princípios nutritivos.

Pesca-se, como é sabido, nos bancos da Terra Nova, de Abril a Outubro. Esses bancos são planícies de aluvião formadas, ao que se afirma, pelo encontro do «Gulf-Stream» com a corrente polar, e cobertas de uma camada de água da espessura de 100 metros. Os bancos ficam a sul e a sueste da ilha: um, o grande banco, tem a

disposição de um triângulo de 600 metros de lado; os outros, a oeste do grande banco, são muito mais pequenos.

Os bacalhau que chegam a pesar 15 quilos



Uma baleia que deu à costa

é fácil pescá-los, porque são glúteos; e se não se lhes esgota a espécie, é porque são extremamente prolificos, pois chegam a contar-se nove milhões de ovos numa só fêmea.

De vários países, incluindo Portugal, partem navios a vapor ou veleiros, na época própria, para os bancos da Terra Nova. Os veleiros têm a vantagem de se manterem durante toda a época nos sítios próprios, sem carecerem de ir procurar abastecimentos de carvão. Desses navios saem embarcações de fundo chato, com dois tripulantes, que vão a grandes distâncias lançar as linhas de pesca. Estas têm anzóis unidos de 1500, separados uns dos outros por dois metros de linha. Deitam-se as linhas à tarde e levantam-se de manhã.

Recolhem-se os bacalhau ao navio. Abrem-se então, guardam-se o fígado e as ovas, lavam-se os peixes, salgam-se e secam-se.

Junto a Aveiro, na Costa Nova, existem muitos secadores de bacalhau, para ali levado pela frota bacalhoeira da região.

F. MIRA

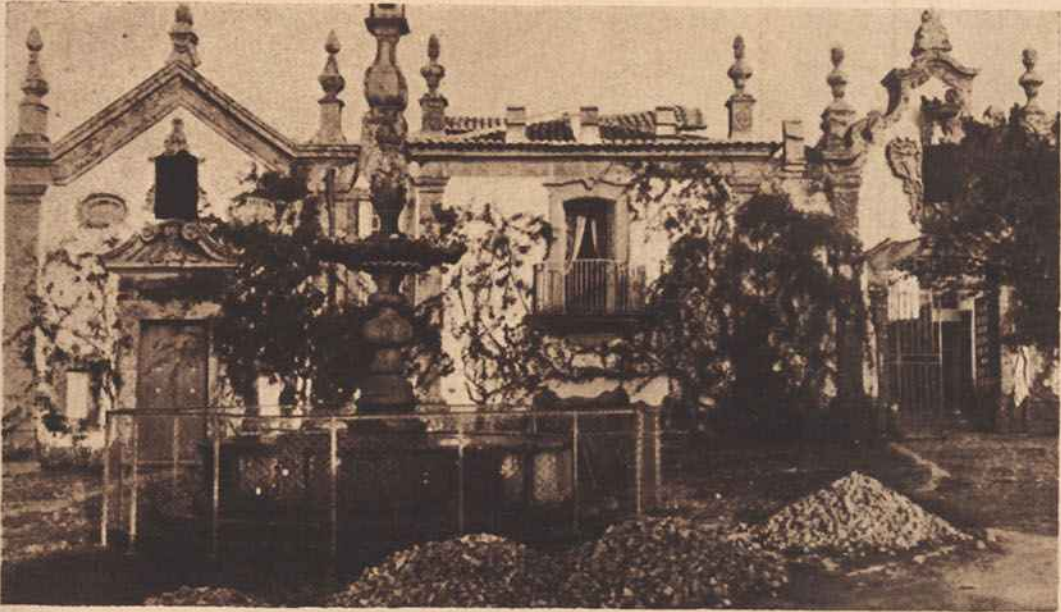


Marinheiros desmanchando uma foca nas ilhas austrais



# A CASA PORTUGUESA

CASA CADABAL (GONDAREM)



FRONTARIA E TRECHOS DE JARDIM DO INTERESSANTE SOLAR DE QUE É ACTUALMENTE PROPRIETÁRIO O SR. DELFIM COUTINHO  
(Fotos obtidas com aparelho «Kodak» autográfico).





Igreja do Seminário de D. José

Não há nada que se pareça remotamente ao Casino. Confesso que isto me surpreendeu.

Em todos os Montecarlos do mundo, desde Deauville ao Mar da Prata, passando pelo lusitano Monte Estoril, e não esquecendo os nossos ex-Santander e ex-San Sebastian, o Casino existe. Um Montecarlo sem Casino é como uma Pompeia sem ruínas ou uma Nova York sem arranha-céus.

Eu já estou habituado a que os símiles orientais, pelo que às cidades se refere, me sáiam... gato por lebre. A Shangai chama-se Londres do Oriente; Veneza do Oriente é Osaka. Ora qualquer das duas povoações tem muito pouco de londrino e veneziano.

Quando vi que em Macau não havia casino, receei que o Montecarlo do Oriente houvesse suprimido o jôgo.

Mas, não. Neste ponto, as correntes moralizadoras da nossa pátria não chegaram ao visinho Portugal. Os portugueses jogam no seu país e permitem que os chineses joguem na sua colónia. Até lhes dão facilidades para o jôgo, com perfeita regulamentação, o que evita as conseqüências funestas da batota clandestina. Desta forma, o govêrno colonial obtém crescidas rendas e os jogadores colonisados confessam-se satisfeitos. A prova é que de toda a China acodem a Macau aqueles que gostam de entregar o seu dinheiro ao azar sem receio de roubo. Nisto, Macau é um Montecarlo, embora do Oriente. Isto é, sem Casino.

Joga-se muito, muitíssimo. Mas em barracas, em multiplas e variadas barracas, onde a madeira é o principal elemento de construção, cujo ornamento são bandeiras e balõesinhos. O clássico alcaçar da sorte — grande palácio de colunas de molduras mais ou menos pétreas — está fragmentado, repartido. E, precisamente, por isso o seu efeito é mais surpreendente.

Em Macau, repito, joga-se muito. A atestar isto estava o ilimitado número de casas de jôgo encontradas ao nosso passo. E, já convencidos de que estávamos em Montecarlo, dispuzemo-nos a ver jogar. Como no

# M A C A U

## MONTE-CARLO

## DO ORIENTE

(Conclusão)

verdadeiro Montecarlo e nas suas congêneres do Ocidente... Com maior ilusão até, visto que se tratava de jogadores orientais.

V

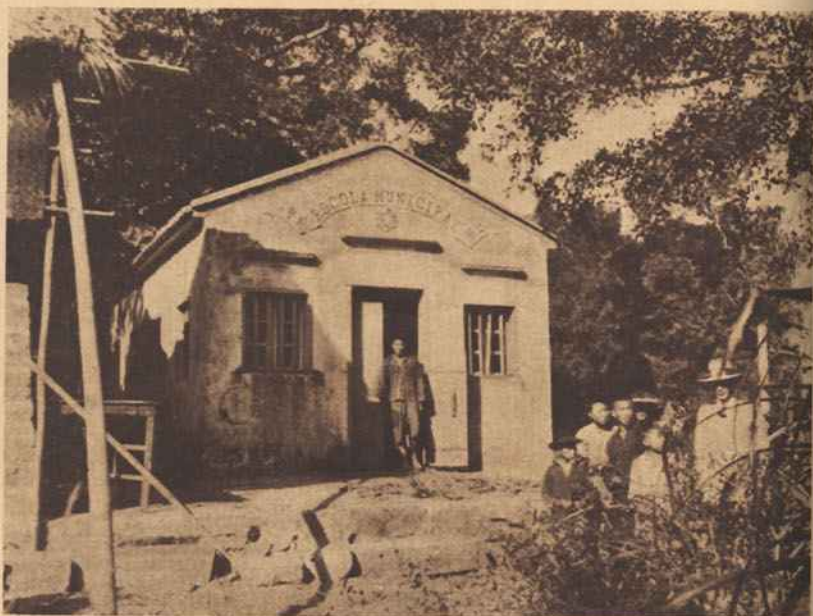
### JOGADORES DE PRIMEIRA... E DE SEGUNDA

Entramos numa das casas de jôgo — porque nos dizem que todas são iguais — dando-nos logo na vista duas categorias de pontos. Julgávamos que os chineses — tão viciosos! — eram todos jogadores de primeira, extranhando eu, naturalmente, que entre eles houvesse também jogadores de segunda. Quando nos preveniram disso, perguntando-nos a que classe nos queríamos incorporar, evitamos pedir esclarecimentos antes de nos lançarmos a empresa que ignorávamos e ainda não compreendíamos.

E explicaram-nos que os chineses jogam divididos em dois grupos: o popular e o aristocrático. O primeiro é constituído por marinheiros, carregadores, criados e toda a gente de ínfima condição, e o segundo, pelos comerciantes, letrados, militares e mulheres. Este, pelo simples facto das damas, atraía-nos; mas em qual dêles se jogava o clássico *jun-tan*?... Nos dois. Ambos jogam na mesma mesa!

E ficamos a entender... menos. Mas vê-lo era o suficiente. Dissêmos que não tínhamos preferência por nenhum dos dois. E o nosso guia optou pelo de mais elevada escala social. Já que éramos brancos, tínhamos direito a isso.

Subimos por uma escada, e entrámos na estância, que tinha o pavimento aluido. O melhor, que quasi não tinha pavimento. O chão, a dois passos das paredes, faltava em ampla abertura, que estava rodeada por uma varanda. Em volta, havia bancos onde a gente se sentava e olhava para baixo.



Escola portuguesa na Ilha de D. João. — (Território em litígio)



Lá ao fundo, na sala inferior, ficava a mesa de jôgo, que de cima se via perfeitamente, à qual se podia mandar dinheiro, depositando-o em pilhas, dentro de cestas, que desciam por meio de cordões.

Assim, na sala mais alta, comodamente sentados, os jogadores de boa classe apontam à sorte, sem necessidade de se roçarem com os de classe inferior, que estão na outra sala, aglomerados, em pé, à volta do banqueiro e dos jogadores.

Os de cima são jogadores de primeira, e de segunda os de baixo. Mas só se distin-

patacos chineses, substituem as cartas, a roleta e os cartões do loto.

O banqueiro pega numa porção de sapecas, um punhado, ao acaso, sem contar. As que vierem! visto que precisamente nas que vierem é que consiste o jôgo. Esconde o punhado debaixo dum vaso e espera que se marquem as apostas. «Façam jôgo, senhores!» «Jôgo». Soam as duas frases do ritual, em chinês, claro está. Mas entendem-se bem. A fórmula convidativa da primeira e o tom categórico da segunda são iguais em todos os idiomas. Levanta-se depois o vaso que cobre o punhado de sapecas. E toca a ver quem foram os favorecidos pela louca Fortuna.

O banqueiro, levantadas as mangas da túnica, e com uma varinha — que accentua o seu ar de prestidigitador — para que não se admita a possibilidade de batota, vai separando as sapecas uma a uma, e com elas vai formando duplos pares, que coloca e abandona. Ao terminar esta operação, restam do punhado uma, duas, três ou quatro moedas.

Ganham os que apostaram pelo número que, das quatro, ficou e pelas diversas combinações que com tal número se fazem, e perdem os que jogam nos outros três números e nas suas distintas combinações.

Restam, por exemplo, três sapecas, depois de retiradas as outras em grupos de quatro, e ganha o número três contra outros números, contra o número quatro, dois e um; mais os números maiores, três e quatro, contra os menores, um e dois; mais os números ímpares, três e um contra os pares, dois e quatro, e mais os números centrais, três e dois, contra os extremos, quatro e um.

Percebem, não é verdade, o jôgo do fan-tan?... É claro que sim! Ou não fôsse êle o jôgo do monte, o nosso espanholíssimo jôgo, o jôgo predilecto dos espanhoes. O jôgo das «quatro moedas» é o das «quatro cartas». Nem mais, nem menos.

A mim custou-me bastante dar pela igualdade do fan-tan com o monte pela superfi-



Macau — Igreja de S. Lourenço



Uma embarcação chinesa

guem pela indumentária. Os de primeira vestem túnicas de seda, novas e brilhantes, e os de segunda cobrem a carne — sempre a coberto a pesar dos rasgões — com o pano azul das blusas de trabalho. Quanto ao resto, todos jogam com idêntica coragem e o mesmo sangue frio, até à caspa, sem pestanejar, como deve ser.

Portanto, todos os jogadores chineses, quer de segunda ou de primeira, saem todos de primeira, de primeiríssima.

## VI

### O JÔGO DO «FAN-TAN»

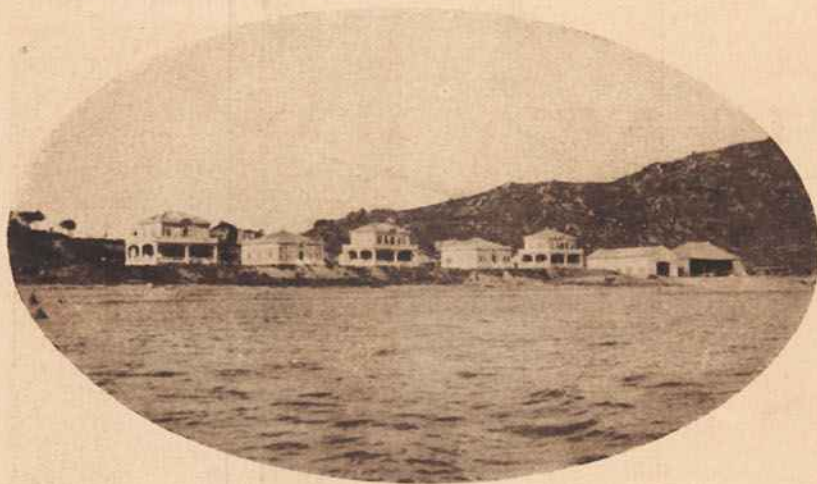
Depois de examinarmos os jogadores, começando pelos elegantes que estavam connosco — personagens de estação de recreio: vivedores e horizontais — e passando pelos esfarrapados do outro andar — concorrência de alfurja: possíveis «levantadores de muertos» — puzemo-nos a estudar o jôgo.

Nem baralho, nem disco rodante, nem bolas numeradas. No fan-tan não há nada disso. Joga-se com um monte de moedas de cobre; das moedas de menor valor, que todos os chineses, até os mais pobres, trazem sempre na algibeira. Para instalar uma banca de fan-tan basta deitar cobre para cima duma mesa. As sapecas, assim se chamam os tais



Uma rua da velha cidade segundo uma gravura do século passado





Macau de hoje. — Casas para funcionários e base de Armação Naval na Praia de N.º Sr.º do Carmo, da Ilha de Táipa

victorioso, confirmando-se assim a bem conhecida lei: (bem conhecida dos jogadores do monte): «Dama à porta, valeta à volta».

Senti uma grande alegria quando me convenci que foram os espanhóis quem ensinaram aos chineses o seu jôgo predilecto. Succedi, certamente, que algum dos nossos aventureiros compatriotas, afeiçoado a «vê-las vir», chegou à China e por lá ficou. Quiz consolar as nostálgias do destêrro com o seu jôgo favorito; mas verificou que naquelas paragens não havia cartas. E inventou então êsse punhado de moedas para substituir o baralho com os mesmos lances entre as quatro sortes. Foi assim e só assim que o monte se converteu em *jan-tan*, para glória de Espanha, que a toda a parte levou outrora os seus costumes.

No entanto, esta alegria foi atenuada por uma triste reflexão. Nós, à China, não mandámos descobridores nem conquistadores: só mandámos missionários. O impaciente jogador, portanto, que na China introduziu o monte teve de ser um frade penitente. Que idéa farão dos nossos religiosos as famílias dos chineses que se arminam ao *jan-tan*?... Eu não quero nem pensá-lo!

VII

OUTROS PRAZERES DE MACAU

Ferido assim no mais sensível do meu espírito — o respeito pelos ministros da fé — abandonei a casa de jôgo e quiz ir ao encontro de qualquer coisa que me aliviasse a dôr, proporcionando-me algum prazer. Julgava que isto em Macau era tão fácil como em todas as cidades onde o azar espalha a riqueza.

Numa cidade de jôgo nunca falta nenhum prazer. O jôgo constitui um grande vício porque fomenta diversos vícios. O dinheiro adquirido ao jôgo, gasta-se sem o menor sacrificio. E etc., etc., etc., conforme o *Formulário Moralista*, última edição.

Mas, todas estas sentenças, a-pesar-de aborrecidas, são duma grande precisão. Adap-

tam-se exactamente à realidade... até na China. Em Macau, como noutra qualquer cidade de jôgo occidental, oferecem-se ao jogador os restantes prazeres a troco do produto dos seus lucros. É claro que à moda oriental.

Isto é, incompreensíveis para nós. Pela hora que era — hora do almoço — quizemos fazer um banquete. Mas os restaurantes de Macau só servem comidas chinesas. Deliciosos pratos?... Não, não e não. Por mais que nos digam os *touristes* que se julgam no dever de nos assombrar com as suas aptidões para saborearem o exótico, a cozinha celeste é infernal. Eu só me atrevia a fincar o dente em alguns dos seus produtos, e, a-pesar disso, afianço-lhes que o meu paladar europeu protestava bastante e que o meu estômago, não menos europeu, esteve quasi a revoltar-se. Sai, pois, do restaurante onde

em má hora entrei, com mais apetite e maior enjôo.

Para conseguir os prazeres que a comida não me dera, quiz refugiar-me nas bebidas. No entanto, beber chá não é sufficiente para esquecer. O chá não embriaga. Mas os vinhos e licôres extraídos do arroz, embora possivelmente gratos para o meu cérebro, não me garantiam a integridade do paladar e do estômago. Resolvi, portanto, não me embriagar.

Mas na China pode-se conseguir outro género de embriaguês: a do ópio. Em Macau há tantas casas de ópio como casas de jôgo. E abertas, como estas, ao público, sem mistério nem recato. Mas desisti de aspirar a droga do sono e do sonho. Prefiro os prazeres naturais aos artificiais.

Só me restava, na cidade dos prazeres, o prazer de passear pelas suas vias comerciais. Prazer caríssimo, pois os mercadores chineses oferecem-nos objectos encantadores — riquíssimas sedas, artísticos marfins, porcelanas brilhantes, bronzes magníficos — e sabem-nos oferecer tão insinuadamente que nós não resistimos a comprar. Oh, a profunda sciência com que o negociante chinês explora o comprador!...

Por isso o Montecarlo do Oriente sai-nos muito mais caro que todos os seus similares occidentais, incluindo a própria capital do principado de Mônaco. Nas outras cidades de jôgo, alguns jogadores, se bem que poucos, pois poucos costumam ganhar — alguns, enfim — conseguem retirar-se com dinheiro, se não têm outro vício além do jôgo. Mas em Macau — até com os jogadores mais puros — os lucros excepcionais que os banqueiros proporcionam são logo caçados pelos comerciantes.

Assim, Macau, dito em estilo de *Gerharda*, é o Montecarlo dos Montecarlos.

LUIZ DE OTEYRA

(Excluído de Illustrações). (Fotos S. Catela)



Um quarto de cômodo europeu e de esplendor oriental em casa duma illustre família portuguesa



# A FAUNA DE COMPOSTELA



O Kangurú

alimentamos dos pedaços de ideal que eles, os javardos, desperdiçam como coisa inútil, levamos às costas o peso daquela pachorra. A cabeça sempre em movimento. Só ela se move. Repare bem! De cima para baixo, da esquerda para a direita, num constante labutar... Está a deitar contas à vida... coteja.

— Coteja, o quê?

— Papéis de crédito, títulos do Estado, o rechicósinho da existência. Aqui pela *calle Mayor* e lá pela rua dos Capelistas andam muitos como êle. Aquêlle macaco não lhe faz lembrar um político?

— Qual? O peladinho?

— Sim, sim; nem um só pêlo para amosttra. É cada salto por cima da lei, cada guincho de despeito e cada obscenidade!...

Muito se parece esta galinha da Índia com uma namorada que eu já tive! Petulante e

Encontro-me muitas vezes com êle no Jardim Zoológico do Retiro.

— Que faz você por aqui?

— Ando à comida para os meus bichos.

E andar à comida para os seus bichos é observar movimentos flagrantes, a colocação dêste ou daquêlle membro, e perscrutar como um romancista de almas a alma dos animais porque o «Compostela» pertence à família dos filósofos que afirmam que os animais também têm a sua alma. Depois, já no «atelier», o martelo e o formão registam um momento, corrigem uma falta, marcam uma intenção e vão traçando sobre a madeira submissa os seus tratados de *psicologia comparada*, na frase pitoresca do escultor amigo.

— Olhe para aquêlle urso. É pachorrento como um bom burguês. Todos nós, que nos



Ídolo de girafas



O pinguim

vaidosa, qui-qui-ri-qui, vai depenicando pedsetas, e depois... bate a asa.

— E êsse pelicano?

— Puro simbolismo.

— É um bom motivo decorativo. A humanidade de vez em quando aproveita-o para alguns *ex-libris* e rótulos de partidos políticos.

— Não há dúvida. Mas nunca se lembre de pedir um livro marcado com a effigie da generosa ave.

— Porquê?

— Porque não lho emprestarão. Olhe, olhe para aquêlla hiena! Mexa, remexa, meta bem o dedo lá para o fundo e vê-la-há preparar o salto no fundo de todos nós.

Este «Compostela», pequenino e nervoso, os olhos como dois pirlâmpas, sempre vivos e sempre acesos, galego até aos ossos, a ironia da terra que os senhores vêem, legítimo conterrâneo de Wenceslau Fernandez Florez, faz assim desfilár ante os nossos olhos, sublinhando um ridículo, evidenciando um defeito, a divertida fauna social dos nossos dias.

De Santiago de Compostela, terra de peregrinos, de frades e de santeiros, êle que foi



ajudante de santeiro, músico de côro e ciccione de tanto peregrino, carregou um dia ao ombro com a sacola das suas ilusões de artista e ei-lo a caminho de terras profanas, através das regiões cruas dessa Castela árida e sêca como uma tortura, vindo-se acolher orgulhosamente, com o orgulho da sua fé e da sua mocidade, aos braços fementidos da ardilosa capital, onde a glória é esquiva e os sonhos se enterram em trágicos funerais de injustiça e incompreensão. Mas «Compostela» é galego e, como galego, paciente e voluntarioso. Bateu à porta enramalhada da consagração cidadina, subiu a escada do caçique protector, arrimou-se à sombra enganadora do conterrâneo já colocado, mas como só levava os seus bichos, a sua fé e a sua mocidade, a consagração que não aceita anonimatos, o caçique que só protege o voto compensador, o conterrâneo que não reconhece valor onde a glória não desponta, deram-lhe a resposta decisiva e terminante: a porta que escorraça os inoportunos, e, detrás da porta, a gargalhada conflagradora e cáustica que nos inflama a alma como um frasco de vitriolo. Então, o «Compostela», desiludido dos homens e carregado de promessas, foi leal à sua condição de artista errante e amou a barraca em pleno coração da cidade, sem auxílios, sem licenças, nem anúncios. E expôs os seus bichos nas escadas do Palácio do Congresso, na companhia amiga dos dois leões nacionais, que foram



Compostela no seu atelier

os únicos que não se riram daquêlê gesto de rebeldia e independência. Como rufo de tambor ou toque de cornetim lá estava o cartás a reunir a turba jogralesca:

EXPOSIÇÃO EFÊMERA  
DE TALHA EM MADEIRA  
POLICROMADA  
ENTRADA LIVRE!!!

Mas se a entrada era livre, a saída foi obrigatória. Dois mandatários da lei, que para violar os direitos da arte não precisaram de atravessar as portas do palácio da opinião espanhola, obrigaram o nosso artista a levantar a bicharia, e ei-lo, sofrido e persistente como bom galego a armar nova barraca, no alto da Castellhana, à volta da estátua de Castelar, sob a protecção gloriosa do tribuno da pátria.

A lei é como o sol — dizem os seus executores —; quando nasce é para todos. Mas, como não há sol sem sombras e, quanto mais o sol brilha, mais a sombra se acentua, a toda a parte chega com as suas sombras. E também lá chegou, à barraca do Compostela. Desta vez porém, toda claridade, harmonia, entendimento e justiça. Era nessa época «alcalde» de Madrid o conde de Vallellano. A regência duma «alcaldia» deve andar entre poeiras de prosa. E o conde quiz respirar um pouco de poesia. O acaso levou-o para o alto da Castellhana. Deparou com a exposição do escultor galego. Acudiu à chamada do cartás e entrou livremente. Afagou os bichos

e protegeu o nosso artista. Deu-lhe um salão. «Compostela», ajudante dos santeiros de Santiago, tinha emulado os mestres; o milagre irrompia ante o sacrificio do peregrino. Era um artista dignificado. A turba jogralesca transformava-se como por encanto no público pretencioso das exposições. E a cri-



O escultor sobraçando a sua fauna ao ser expulso da escadaria do Palácio do Congresso



A mãe-macaca

lica, que não o reconheceu à luz clara do dia, observava-o através da luz artificial do salão tradicional e consagrou «Compostela» como um novo escultor de animais da talha daquêlê Mateo Hernandez, o castelhano rudo e vigoroso, que à força de pulso firme e estoicismo admirável, pôde conquistar a admiração, o respeito e a galantaria de Paris.

NOVAIS TEIXEIRA.



# A ARTE DE SER PORTUGUÊS

## MONUMENTOS DE PORTUGAL UMA OBRA D'ARTE E PATRIOTISMO

Se há alguma coisa que nesta hora de hesitações e incertezas nos anima e consola, estimulando-nos, é isto — o carinhoso interesse que se está votando ao nosso Património Artístico. Se outros motivos não houvessem, esse bastava — e bem! — para nos garantir a sinceridade do «movimento nacionalista» que se está vivendo.

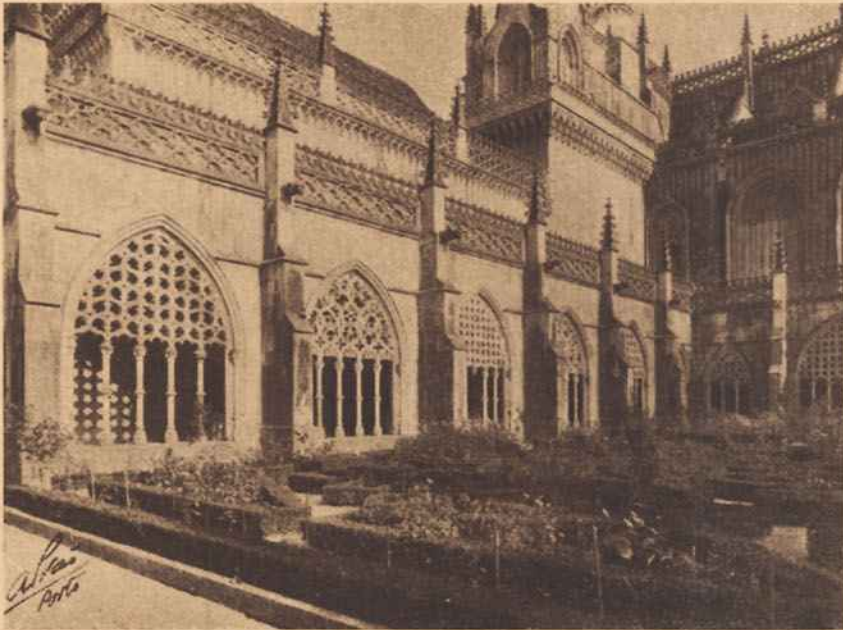
É ver: nunca os nossos Monumentos foram tão visitados como agora!

Ora é esse interesse, forçando o indiferentismo do maior número dos egoístas ou ignorantes que formam, sempre, a retaguarda das

romagens magníficas, e provocando, alfin, a protecção dos governos, constitui, para o nosso portuguesismo, razão de grande júbilo.

Se é certo que esses gloriosos Padrões são o melhor e mais alto testemunho da nossa vitalidade através dos séculos, e os mais nobres pergaminhos do nosso esforço — assim perpetuado e traduzido em Arte imortaldoura — o interesse agora manifestado por eles dá-nos a abençoada certeza de que o «momento nacional», sinceramente voltado para o Pretérito magnífico, significa um nobre e insofismável *mea culpa*...

Ninguém o duvida: Portugal estende os olhos sobre si mesmo, estuda-se, procura identificar-se. Desviaram-no da Terra e das Almas? É forçoso que a elas regresse. E nesse trabalho de reintegração, digamos, os



BATALHA — Claustro real

seus grandiosos Monumentos, erguidos à margem do seu caminho quasi milenário, servir-lhe-hão de roteiro.

Sucedem-se as romagens a esses santuários do Patriotismo. Citando, ao acaso: só o Castelo da Feira foi visitado, durante o ano findo, por mais de duas mil pessoas!

Mas esse carinho não se evidencia apenas nas classes cultas, não se manifesta somente no nosso reduzido mundo intelectual: patenteia-se apaixonadamente no público leitor, orientado ou, melhor, catequizado por uma oportuna propaganda jornalística.

Aludimos à protecção dispensada — afi-

nal! — pelo Estado aos monumentos nacionais. Não podemos esquecê-lo nunca; lembrá-lo-lá, sempre, a Nação.

Em extremo oportuna, pois, a publicação de uma colectânea de vulgarização artística dos Monumentos de Portugal, a efectuar sob o alto patrocínio da Associação dos Arqueólogos Portugueses; e são dignos dos maiores louvores aqueles que, propondo-se realizá-la, cabendo-lhe a honra de tão patriótica iniciativa, se esforçam, por que ela atinja, sob o ponto de vista literário e artístico, a última palavra.

Consegui-lo hão? Consegui-lo hão, como se conseguiu essa admirável e soberba edição da «História da Colonização do Brasil» — um dos melhores êxitos da recente Exposição do Livro Português em Madrid.

Inácio de Sousa e Filho, conceberam com extraordinário carinho, a

obra grandiosa. Cultos, revelando-se mais pela acção do que pela palavra, querendo e sabendo querer, não visam apenas, de olhos cegos pelo interesse, o «êxito comercial», o negócio: mas, certos da finalidade patriótica da empresa que os apaixonou, dedicam-se de alma e coração a realizá-la.

Tais nomes são para nós a absoluta garantia do merecimento da obra quanto ao seu aspecto material, artístico; e garantia absoluta nos é ainda o facto de a parte fotográfica — importantíssima em publicações desta natureza — estar a cargo da Casa Alvão & C.<sup>ª</sup>, cujos trabalhos fotográficos, de sobejo



conhecidos pelo país, são a afirmação dum espírito de artista. Na obra presente executa os clichés, alguns dos quais representam magníficos dotes scéncicos e artísticos, pelo estudo das perspectivas e dos planos, pela hábil combinação dos efeitos de luz, o sr. Álvaro Cardoso, sócio-gerente da casa.

Mas — e a parte literária?

Foi organizada pelo ilustre arqueólogo e distintíssimo escritor dr. Carlos de Passos, — a quem as letras pátrias devem preciosos subsídios históricos.

Como arqueólogo, étnografo e crítico de arte, Carlos de Passos possui uma obra notável, onde os donaires da forma, de um nobre sabor primitivo, não prejudicam a clareza dos conceitos.

A colectânea propõe-se não só divulgar e propagar o conhecimento do património monumental do país (catedrais, igrejas, pelourinhos, conventos, palácios, cruzeiros e castelos), como do artístico (esculturas, pinturas, vitrais, ourivesaria, etc.).

E, como se vê, um programa vastíssimo. E terá condigna realização.

Um grupo de escritores consagrados — dos melhores nomes da especialidade — tratará os respectivos exemplares sob o tríplice aspecto: histórico, arqueológico e artístico. É formado pelos srs.: Dr. Virgílio Correia, João Barreira, Matos Sequeira, João Paulo



1 BATALHA — Vista dum passadiço do segundo pavimento

Freire, drs. José Saraiva e Alberto Feio, Nogueira de Brito, drs. Léon Bourdon e Vieira Guimarães, architecto E. Korrodi, Nuno Catarino Cardoso, drs. Laranjo Coelho, Aguiar Cardoso, Carlos de Passos e Maximiano de Aragão, Ramiro Mourão, etc.

Está já organizado o catálogo dos volumes que hão-de formar a obra, — a qual bem poderemos, sem exagéro ou desnecessário réclamo, classificar de monumental.

Essa resenha não esquece nenhum monumento, — desde a Batalha maravilhosa à peregrina Sé de Trancoso; desde os pelourinhos do Minho e Douro, desde os encanta-

dos Solares da Beira-Lima aos nobres castelos de Alvito e Almourol.

O catálogo abrange 50 volumes; e cada volume contará 40 a 60 páginas de texto, com a respectiva tradução para francês e inglês.

Imagine-se a importância desta obra num momento em que a Exposição de Sevilla vai fazer passar em Portugal milhares e milhares de estrangeiros, americanos sobretudo!

Nós podíamos, sob o pretexto de uma entrevista banal e suspeita de réclamo — em Portugal a entrevista vai passando a *blague*... — pormenorizar o plano desta obra magnífica, que vai constituir um verdadeiro monumento aos Monumentos de Portugal; mas falará por nós, como promessa e como realização, o 1.º volume a sair breve, e onde o illustríssimo arqueólogo dr. Virgílio Correia nos faz entrar, descobertos e comovidos, as portas majestosas da Batalha.

Como português de antes quebrar, amando no Passado a razão mais alta do nosso direito à vida no Presente e no Futuro, eu sinto-me feliz em saudar, antecipadamente, pelo aparecimento dos «Monumentos de Portugal», os seus beneméritos promotores.

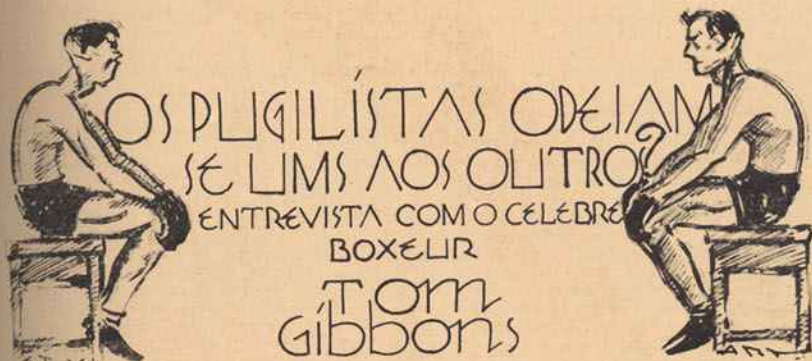
Pôrto, Novembro de 1928.

TEIXEIRA PINTO.



BATALHA — Terraço de cobertura da igreja e pináculos





to há homem de negócio que não deteste os seus rivais, e eu aventuro-me a afirmar que todos os pugilistas experimentam o mesmo sentimento contra os seus opositores. Há pugilistas que sempre se odiaram, muito embora eu saiba não existir uma forte razão para tal.

Havia mais ódio em outros tempos do que hoje, e isto pela razão de que menores eram as garantias de que certos combatentes gozavam. Hoje o box está muito melhor organizado, e as razões mais ortodoxas para rixas amargas foram já evitadas.

Não se pode pôr de parte, é certo, o velho elemento humano, e não faltam, portanto, pugilistas que se detestam. Dentre eles o mais célebre é Jack Sharkey. Já odiava Harry Wills antes de com ele combater; depois que se encontraram no campo da luta e Harry não só começou a bater forte como a levar decidida vantagem, a fúria de Jack não conheceu limites.

Sharkey, que não conseguira levar a melhor nos seus dois prévios combates com Maloney, ganhara um ódio imenso a Jim Maloney, e no último combate que com ele teve desalojou esse ódio pondo o adversário sem acôrdo logo ao quarto round.

Quando Ace Hudkins veio a Nova York, haverá um ano, para se bater com Ruby Goldstein, já vinha disposto a rixar com ele à valentona porque já o odiava furiosamente, muito embora já mais o houvesse conhecido.

Ace tinha uma aversão natural à gente de Nova York e, quando soube que Ruby era oriundo da judiaria desta cidade, logo fez anunciar que poria o adversário *knock-out*. A sua ira era qualquer coisa de maravilhosamente brutal, e foi ela que o ajudou a bater tão forte que Ruby Goldstein, completamente arrazado, nunca mais foi nada, indo a terra miseravelmente...

Ruby Goldstein e Sid Terris, também ganharam um ao outro numa teiró muito respeitável. São ambos naturais de Nova York, e até nascidos no mesmo bairro. Mas não perdem nunca ocasião de se hostilizar sempre que podem.

O mais notável dos pugilistas que combatem valendo-se apenas dos seus próprios méritos e desconhecendo em absoluto o que seja valerse do ódio, é Tex Richard. O elemento dramático da incerteza concentra-se inteiramente nos combates em que entre este boxeur.

O caso mais triste em questões de pugilismo é possível que tenha sido o que se passou entre Bob Fitzsimmons e Jim Corbett. O primeiro alimentava um ódio profundo contra Corbett, e esse ódio vinha já do dia em que Corbett se encontrara com Sullivan. Bob fora cumprimentado pelo resultado do combate, ganhando-lhe, porém, desde logo um ódio de morte que tomou patente por várias maneiras. O caso deu origem a uma rixa tenível coroada por episódios estupendos, entre os quais um comício realizado em Filadélfia. Ai, já depois de publicamente ter lançado um desafio a Corbett, Bob Fitzsimmons foi proibido pelos seus amigos de se encontrar com o célebre campeão.

Um outro caso dramático devido ao ódio que

ambos alimentavam um contra o outro, foi o que sucedeu quando Fitz encontrando Jim numa estrada que corria ao longo do seu campo de treino, lhe estendeu a mão. Jim recusou-se a apertar-lha. Fitz, totalmente fora de si, preparou-se logo para combater, e ambos se iam já engalfinhar a sôco quando o treinador de Fitz, vendo bem o horror que seria um combate realizado fora do âmbito das cordas, se interpôs entre os dois adversários e os separou.

Mais tarde, alguns dias depois de Bob Fitzsimmons ter posto Jim Corbett *knock-out* ao décimo quarto round, o campeão deposto fez saber ao seu vencedor que se ele lhe não concedesse uma desforra no ring, o encheria de pancadaria tôdas as vezes que o encontrasse na rua.

Bob Fitzsimmons replicou vergonhosamente que se Jim usasse de semelhante tática, éle, Bob, o mataria logo sem mais aquelas. A verdade é que o *match* de desforra já mais foi concedido. E o ódio entre os dois pugilistas deve ter morrido muito tarde, se é que morreu!

Muitas vezes me perguntaram, a respeito de rixas, se em qualquer ocasião e durante a nossa infância, eu e meu irmão Mike não teríamos regulado certas questões domésticas utilizando os punhos que a natureza nos havia concedido. Não; nunca o fizemos. É a razão é simples: Mike era quatro anos mais velho do que eu, e só isso era o bastante para que a paz reinasse entre nós ambos... Alguns anos depois, eu e Mike tivemos as nossas contendas, mas nunca nos enraivecemos nem já mais perdemos a cabeça. Costumávamos treinar-nos um ao outro, e cada exercício tornava-se o que se podia chamar um combate em regra, não faltando amigos comuns que diziam antes nos querer ver combater os dois do que presenciar um combate real.

Algumas vezes fiquei com cada olho que nem um repollo... E como Mike era duro no bater e dificilmente o faziam ir abaixo, quasi sempre era éle que levava a melhor. Cada um de nós dava aquilo que tinha, porque ambos sabíamos ser esse o melhor caminho para conseguir os desejados benefícios dum treino árduo e eficaz.

Depois de cada combate nada existia entre nós que se assemelhasse sequer de longe ao mais insignificante ressentimento. O que havia sim era muito apreço e real estima.

Meu irmão Mike era um grande mestre, e nunca esquecerei o dia em que éle me ensinou como deveria realmente combater. Depois de um treino violento disse-me o que segue:

— Agora Tom vem cá. Até ao dia de hoje ainda não conseguiste ser coisa nenhuma. És demasiadamente agressivo quando deverias saber dar terreno! Perdes o entusiasmo e lembras-me Napoleão na retirada da Rússia... Exactamente quando deverias ter-me obrigado a ir para as cordas é que começas a desanimar. Durante o combate o ganhar tempo é uma vantagem.

E combinando as suas instrutivas lições com o seu criticismo destruidor, foi meu irmão Mike quem me ensinou o que hoje sei. Anos mais tarde, quando eu combatia a dentro da classe dos campeões, pus em prática os principios de pugilismo que meu irmão me ensinara e verifiquei então a exactidão do que éle me dizia.

Meu irmão estava sempre a meu lado quando eu combatia. Se não estava junto de mim em pessoa, sentia contudo que o seu espirito me

não desamparava. Como admitir, pois, possibilidades de rixa entre nós ambos?

Sei ainda de outros casos de ódio entre indivíduos do ring, os quais, como a guerra Fitzsimmons-Corbett, possuem todo o interesse e até às vezes não deixam de ter a sua piada. Por exemplo a tensão de relações entre Packey Mac Farland e Kid Burns.

Packey nunca bate muito. Todo o seu jôgo se baseia na rapidez, na agilidade dos pés e numa certa cautela, tudo isto combinado com um intrincado conhecimento do seja ganhar tempo. A sua aparência desmarcada constituia o seu orgulho. Combateu com Kid Burns e o resultado foi ficar um tanto ou quanto amolgado e com um olho negro.

Semelhante coisa irritou Packey, tanto mais que todos os seus amigos o começaram a importunar com a surpresa de que se diziam possuídos. Para mais Burns com aquele único combate ganhara um nome extraordinário.

De modo que Packey exigiu um *match* de desforra. Logo ao começo da pugna se percebeu que Packey estava sedento de sangue... Burns começou a vacilar ao primeiro round. Mas lá se foi aguentando até ao sétimo em que o adversário o atirou a terra completamente *knock-out*.

O apêrto de mão e a estratégia que éle dinamiza não tem corrido pouco para o ódio entre os pugilistas. O exemplo mais famoso é, quicá, o da rixa entre Stanley Ketchel e Bill Papke. Ketchel estendeu a mão ao adversário como de uso, e Papke convenceu-se de que o gesto de Ketchel não tinha outro fim senão tocá-lo violentamente. Voltou-se rapidamente e zôs! enviou-lhe um grande sôco no estômago. Resultado: uma baralha enorme entre ambos e uma rixa formidável.

Sei que a Comissão de Box de Nova York aboliu o uso do apêrto de mão depois do primeiro toque de campainha, e julgo isso uma medida acertada. O apêrto de mão foi sempre uma escusada formalidade. E não parece, portanto, que tal abolição venha prejudicar o jôgo. O povo afinal de contas vai para ver um combate e não um concerto de amabilidades. Como árbitro tenho já uma considerável experiência do que seja o apêrto de mão no ring. Duma vez, durante a guerra, estava eu arbitrando um *match* em Cap Mead, no Maryland, aonde de resto em desempenhava o papel de instrutor de box. Um dos pugilistas não sabia absolutamente nada do que fosse bater quando o adversário está a ir abaixo. Logo que o adversário reco-







brava forças para se erguer, o outro estendia-lhe a mão para o usual apêto da dita.

Isto sucedeu umas poucas de vezes, até que dum ocasião, o tal que incontestavelmente estava em péssimos lençóis, ao ver o adversário estender-lhe a mão, repeliu o braço que lhe estendia, recuou e enviou um directo ao queixo do obstinado amigo da boa paz que ali tinha como inimigo. Este desabou imediatamente e ficou estendido sem acôrdo no chão. Vai eu, deí logo a vitória ao adversário que ignorava a tal cerimônia do apêto de mão.

Mas, o gran mais intenso do ódio entre *boxeurs* encontramos talvez na histórica ocorrência que vou relatar, e que se deu quando Sailor Burk e Willy Lewis entederam por bem pôr-se *knock-out* um ao outro!...

Esses dois moços eram grandes pugilistas e gostavam tanto um do outro como de *atêdas*. Lewis não sabia bater forte, mas era muito perito em ganhar tempo. A certa altura, porém, e exactamente quando preparava um *sêco* definitivo, Burke enviou-lhe por seu turno um outro da mesma categoria. Resultado: ambos foram simultaneamente a terra e lá ficaram estiracados!

Um outro caso de ódio entre *boxeurs* é o último combate entre Jack Britton e Ted Kid Lewis. Ambos haviam sido amigos até certo combate que se deu em Kansas City e no qual o árbitro deu a vitória ao segundo. Grande parte dos assistentes protestou contra a decisão do árbitro accusando-o de duplicidade. Britton conseguiu um *match* de desforra e pôs Lewis fora de combate por *knock-out*.

Muitos espectadores do *box* dizem que os primeiros combates dum pugilista são os mais propícios a provocar grandes rixas fingidas. Um pugilista ainda moço, ainda verde, se me permitim o termo, quando quer animar os seus nervos, diz a si próprio que odeia de morte o adversário, e isto grangeia-lhe um acréscimo de coragem. Quando um pugilista se vai tornando velho, os factores de germinação das rixas tornam-se-lhe indiferentes.

A minha estreia no *ring* realizou-se com um certo Oscar Kelly, de Minneapolis. A bolsa era de quinze dollars, e o combate realizou-se a 25 de Setembro de 1911.

Logo depois do jantar, meu irmão Mike perguntou-me o que é que eu tinha comido. Entre outras coisas mencionei duas bananas com creme.

Vai meu irmão e declarou-me estar convencido de que as tais duas bananas iram talvez ser a minha desgraça. Mas, depois, para me animar ajuntou:

— É daí, quem sabe? talvez tudo corra bem. Estou mesmo certo de que não haverá nada...

O combate não foi, como podem já calcular, mau de todo. Uma hora antes do combate, estava eu já num lindo estado de nervos... Mas o *gong* fez-me esquecer á força as bananas e pôr-me de frente do sr. Kelly.

Se não estou em erro, o dito senhor assumiu a posição horizontal durante o quinto *round*... Espero, porém, que todos os aspirantes a *boxeurs* se convençam de que as bananas são pouco convenientes para fins de pugilismo. Poderão ser excelentes para a poesia, não para defrontar um adversário...

Há poucos pugilistas de quem eu não goste, e esses poucos são indivíduos que se valem de expedientes pouco limpos, criaturas cujo modo de vida se reflecte sobre os homens do *ring*, na sua maioria pessoas decentes.

Billy Miske e eu somos da mesma cidade e, é claro, grandes rivais. Amigos dos diabos procuraram meter-se entre nós de modo a tornar em ódio o que não passava de simples rivalidade, muito embora eu e Miske tivéssemos sido sempre excelentes amigos. Depois dos nossos cinco combates, encontramos-nos num restaurante e tivemos uma conversa muito amigável, disputando um ao outro o provável insucesso do combate seguinte. Billy era um magnífico pugilista e só havia três adversários capazes de o derrotarem: Dempsey, Levinsky e eu.

Para salientar que Bill e eu eramos grandes amigos, citei o nosso famoso combate do ano de 1922, em que foi dada a vitória a Miske, alegando-se uma infracção da minha parte. Uma porção de críticos desportistas, incluindo Bob Rdgreen, afirmava que Bill ao afastar a minha mão simulara ter recebido um *sêco* baixo.

Nada disso sucedera, muito embora ninguém esteja livre de semelhante *crisa*. Veiu um médico e disse que Billy não estava maguado. A verdade, porém, é que nunca em toda a minha vida me pude convencer de que haja médico algum capaz de asseverar com certeza não ter um *baxear* sido vítima duma deslealdade!

Ora foi exactamente dum tal mal-entendido que se procurou extrair motivos de ódio entre mim e Billy. Ambos ficámos, é certo, indispostos, mas entre nós dois nada há que nos torne inimigos.

As conversas do *ring* também fornecerem muitas vezes matéria que baste para ódios e questões. Os combatentes silenciosos embirram com os adversários parolheiros e ficam logo mal impressionados. Cá por mim, porém, não me importo.

O exemplo clássico do combate em que o pugilista se irrita com as palavras que lhe dirige o adversário, é aquele em que Young Corbett tirou a Terra Mac Govern o campeonato do peso pluma.

Terry estava-se arranjando no seu quarto quando Corbett, a caminho do *ring*, lhe atirou as seguintes palavras:

— Salta cá para fora Terry e não te esqueças de adotar bem esses queixos!

Esta inaudita imprudência por parte dum pretendente ao título de campeão, exerceu uma influência deplorável sobre os nervos de Mac Govern. Ficou totalmente transformado, os braços não lhe obedeceram durante o combate e perdeu o título.

A conversa entrava em grande parte nos recursos de Young Corbett. Não lhe den, porém, resultados tão excelentes no combate que mais tarde teve com Jimmy Britt. Este estava dando uma atenção considerável a certa rapariga; Young Corbett para lhe transtornar os nervos lançou-lhe o seguinte *renoque*:

— Hei-de-me encontrar com ela, hoje à noite, depois de te ter derrotado!

Mas Britt dominou-se inteiramente, pôs o adversário fora do combate e ficou vencedor.

Vi também Benny Leonard combater com Gene Delmont em St. Paul no ano de 1917. Delmont estava numa forma esplêndida, e o seu *manager* arranjou-lhe um encontro com Leonard. Benny, de ordinário pugilista cheio de sangue frio, naquela tarde indignou-se e começou a bater com ferocidade no adversário, pondo Gene *knock-out* ao oitavo *round*.

Após a derrota, Leonard precipitou-se contra o *manager* de Delmont, dizendo:

— Diga aos seus rapazes que venham combater comigo: comprometo-me a pô-los todos *knock-out*!

Falando com vários artistas do *knock-out* acerca da reacção que provoca um adversário o irritarem-no, todos foram de opinião que raros serão aqueles que consigam vencer um adversário cheio de sangue frio.

Em certa ocasião, porém, o sarcasmo vibrado contra mim por um súbdito britânico fez-me

depois gozar o prazer de derrubar o adversário. Foi na ocasião em que combati o inglês Jack Bloomfield no Stadium de Wembley, em 1922. Antes de começar o combate fomos ambos chamados ao meio do *ring* e ouvimos as longas instruções do árbitro. Como precisasse de iniciar o combate, disse para Bloomfield:

— Você sabe muito bem como se joga o *box*, Jack. Portanto, deixe correr o marfim.

Sarcásticamente o meu adversário retorquiu:

— Ah! não me saírei mal, descanse!

Havia nestas palavras qualquer coisa que me desagradou profundamente, e portanto repliquei-lhe que ele ia ter uma excelente ocasião de me mostrar o que sabia da arte. E ao terceiro *round* fi-lo ir a terra sem sentidos.

Dontra ocasião também fiquei irritado, mas soube-me conter a tempo. Foi quando combati com Jack Dempsey, em Shelly, Montana, e o vi começar a usar os golpes de cotovelo. Durante o combate os aplausos do público constituiram para mim uma grande esperança. Quando o público julgava que Jack Dempsey ia ganhar, começava a aplaudir-me. E quem beneficiasse desses aplausos fui eu.

Mas em certa ocasião, os aplausos tributados a outro adversário tiveram o condão de me dar energia. Estava em combatendo com Joe Burke, em Kalamazoo, no Michigan, em 1923; no segundo *round* batemos com a cabeça um ao outro e eu caí. Ao começar o sexto *round* toda a gente começou a gritar a Joe que me puzesse *knock-out*. Enfureci-me e eu é que pus *knock-out* o adversário.

Muita vez durante um combate, um pugilista finge ter recebido golpes proibidos, o que irrita o adversário extraordinariamente como se poderá imaginar. No meu combate com Carpentier, em Michigan City, em 1924, tudo indicava que eu o iria rapidamente pôr fora do combate. Subito, porém, Carpentier torceu o braço. Se, porém, o braço em questão estava lesado, conforme o meu adversário dizia, o certo é que este parecia esquecer (tê-lo magoado por várias vezes quando procurava dirigir-me alguns *sêcos*).

Eddie Kane, meu *manager*, foi no dia seguinte ver Carpentier e pôde verificar que o braço do meu adversário não tinha coisa absolutamente nenhuma.

Os espectadores confundem muita vez a má disposição com o ódio. Jack Dempsey, por exemplo, é dos tais que costumam adoptar maneiras ferozes para desconcertar o adversário. A verdade, porém, é que não há criatura mais delicada e atenciosa em todo o mundo!

Jack Herrick é o mais carrancudo de quantos *boxeurs* até hoje me foi dado ver. E não só carrancudo: quando está combatendo niva que nem um lobo esfomeado pedindo a ração. Mas pondo de parte semelhante estranheza de maneiras, cá fora é o melhor das camaradas.

Em contraposição o pugilista mais alegre que até hoje tenho visto é Johnny Tillman, de Minneapolis: está sempre sorrindo, a boca escancarada de orelha a orelha, quer esteja dando, quer recebendo *sêcos*.

Tentei tornar patente aqui que os pugilistas não se odeiam por uma manifestação natural. As rixas não surgem espontaneamente: o que às vezes são é encorajadas. Quem vai a um combate de *box* na esperança de que os antagonistas se odeiem simplesmente porque tem de trocar alguns *sêcos*, mostra ter uma concepção péssima do que sejam estes espectáculos.

Hoje em dia o *box* está comercializado: não posso, porém, perceller por que motivo se não hu-de realmente instituir um grande prémio para quem combate e vence, prejuizo de que enfermam muitos dos adeptos deste desporto. Para mim semelhante coisa é a mais natural do mundo: acho justíssimo que um pugilista se deixe levar também pelo lado comercial. Rixas os pugilistas hão-de ser apenas cabeças de turco ou máquinas de apunhar e dar *sêcos*?

(Anglo-American Newspaper Service Copyright. Exclusivo de Illustração).





## ...E SE FIZESSEM EM PORTUGAL O HOLLYWOOD DA EUROPA?

### REPORTAGEM IMAGINÁRIA Á CINELAN- DIA PORTUGUESA NO ANO DE 1947

(Conclusão)



Estava uma manhã radiosa, e a brancura do casario espelhava flechas douradas do sol que a chapeava...

E reflecti... Desde que entrara na Cinelândia, a capital do filme europeu — não topara ainda com uma única nota significativa da sua actividade produtora... Nem um *studio*, nem uma *troupe* filmando ao ar livre, nem um camião conduzindo scenários — nem sequer um operador ajudado com a máquina de *prise-à-cuec*.

E pensando assim — feriu-me os ouvidos o retinir estridente de uma campainha... Revoltava-me, rápido — deparando com um cinema todo forrado de cartazes, anunciando, para a *matinée* que se começava dentro de meia hora — as últimas super-produções da Cinelândia...

Curioso paradoxo... Um cinema na Cinelândia... Um cinema que começava os seus espectáculos às dez da manhã! E tinha público — público pagante... Composto de quem? Das famílias dos negociantes, da dos artistas, dos pretendentes, dos aspirantes a *cassés* — que iam ver o trabalho dos outros... E alinhavam-se frente ao *guichet* da bilheteira. Os cinemas da Cinelândia não transigem com borlas, nem ao mais pintado...

...Era tempo de começar a visita pela zona dos *studios*. Marginando os passeios centrais do *boulevard* enfileiravam-se centenas de *larris*... Avancei para um deles e ordenei...

— Para o bairro dos *studios*...

O *chauffeur* teve um sorriso especial — o sorriso que os porteiros das caixas de teatro costumam ter para os neófitos que ambicionam invadir o reino proibido do palco...

— Bairro dos *studios*? exclamei. — Não entendo...

— ?

— Os *studios* não estão em nenhum bairro... Construíram-nos em volta da cidade...

— ?

— A estrada de Berlim? A estrada de Londres? Estrada de Edison? Estrada Pathé? São estes quatro caminhos que fecham a Cinelândia... E de cada um deles partem várias estradas, com outros *studios* em direcção da serra, em direcção de Cascais... A rua Griffith... O *boulevard* Gaumont... A Estrada Madrid... Escolha o freguez aquêle nome que ir... Ou diga-me qual é o *studio* que deseja visitar... O de Svenska? E na Estrada Central... O da UFA é na...

— Não tenho destino determinado — interrompi eu. — Meta o carro às estradas de cintura...

— Seja...

Subi para o *taxi*, que começou rodando, *boulevard* acima, tomando de pernoço a rua transversal — *Unter den Linden*. Era uma

artéria mais estreita que o *boulevard*, mas mais movimentada e toda enfaixada de réclames gigantescos, berrantes de cor...

Súbito, tamborilei com os dedos nos vidros da janela, para mandar parar o carro. E que descobri, frente a um hotel, um grupo que me pareceu bastante cinematográfico. E era-o — de facto. O *metteur-en-scène* e dois operadores trabalhavam dentro do *hall* objectivando, através dos cristais da porta, a rua. Sobre o passeio, dois homens discutiam ameaçadores e... mudos, enquanto uma rapariga, modestamente vestida, chorava, angustiada. Se não fossem as maquiagens, que davam aos rostos um estranho colorido, os artistas e a scena ter-se-iam confundido com qualquer acidente vulgar da cidade...

Os transeuntes passavam — mas não estavam... Fosse por estarem muito habituados a estas representações ao ar livre, e elas já não conseguissem despertar curiosidade; fosse porque, estando todos os habitantes da Cinelândia, mais ou menos integrados na cinematografia, compreendessem os prejuízos que causam a um filme a papalvice do público que assiste a uma filmagem — a verdade é que, artistas e directores trabalhavam em absoluta tranquilidade, como se estivessem defendidos por uma muralha.

Voltei ao *taxi* que partiu, buzinzando ruidosamente... Cinco minutos depois descebi cávanos numa estrada: a Estrada Edison.

O *chauffeur* voltou para a subir em direcção do sul... A largura do caminho pode ser calculada pela da nossa Avenida da Liberdade... Admirável calçamento, liso como um *ring*...

E eu, de pé, ia espreitando por cima dos muros, dos tapumes... Aqui, um formigueiro de operários erguia uma praça medieval; mais além, encarpitados num andaime, rematavam uma torre, gémea da de Londres; neolá, a grande distância dum *studio*, mas dentro do terreno muralhado, alguns milhares de homens trajando como guerreiros napoleónicos, pelejavam em fúrias...

...Percorrida a Estrada de Edison, voltei-me à esquerda... Pouco depois passávamos frente à porta principal da cidade — a porta por onde tinha entrado — e afastamo-nos dela no sentido da serra... Uma nova estrada, lisa e branca, se nos deparou — igualmente flanqueada de *studios*; era a Estrada Pathé... Cine-Romans, Gaumont, Aubert, Albatros — eram os letreiros que, de tempos a tempos vinham berrar a côres, a monotonia do branco ripolinizado dos muros e dos tapumes...





Só ao meio dia, quando o estômago fazia começo para exigir o respeito pelos seus direitos, é que me resolvi a regressar à city para almoçar. E o *chauffeur*, que sorria sempre do meu pasmo infantil ante o maravilhoso da capital do cine, ao travar o carro frente ao *Central-Lunch-Room*, avison-me:

— É o senhor não viu nem metade...

Muita gente a quem a feitiçaria dos descritivos jornalísticos embuxou de ambições cinematográficas — não ousa aproximar-se da realidade dos seus sonhos, supondo que a vida dos *studios* reduz o seu pessoal a uma verdadeira escravatura...

Não é bem assim...

De facto, os habitantes da Cinelândia não estão disciplinados ao mesmo horário das outras cidades — mas, nem por isso eles abdicam das suas horas de alegria e divertimento, tão merecidas, ao cabo de uma jornada esfaufante de trabalho...

As manivelas dos *prises-de-zues* começam habitualmente a moverem-se, às sete e meia da manhã... Há directores que exigem que os artistas sejam mais madrugadores ainda — mas também há os que só iniciam o trabalho cêna das nove... O pessoal dos *studios* — maquinistas, carpinteiros, electricistas, entram habitualmente uma hora antes dos artistas... fustes, calculando as surpresas da maquiagem e as demoras dos arranjos e vestimentas, instalam-se nos camarins, meia hora antes da apresentação no *plateau*... É, assim, a vida da Cinelândia começa às seis e meia... As seis horas abrem os estabelecimentos — existe sempre quem necessite fazer compras, antes de entrar nos *studios*... Pouco depois começam os cafés e os bares a serem invadidos: é a hora do pequeno almoço, do copo de vinho do Porto, pedilecto mata-bicho para a maioria da população cosmopolita da Cinelândia...

Das nove ao meio-dia, decrece o movimento na *city*... Em todo o caso, as suas principais artérias não se despoavam por completo. Os visitantes, os turistas, os curiosos, os que não trabalham naquele dia, os que estão em férias, os que não entram na película em filmagem, os sem contrato, os aspirantes, os que vêm tactear terreno, os *borboletas* do clarão, os imaginadores de argumentos — toda uma fauna que consegue, nas horas de trabalho, liberdade para compras, passeio, bebericagem, palestras nos terraços ou para assistir a uma sessão de cinema ou uma primeira *matinée* de teatro ou circo...

Ao meio-dia, a hora do almoço, a vida da cidade é sacudida numa agitação quasi epiléptica... Dificilmente se consegue um *taxi* na praça... Os autos rodam, em vertigem e em grande barulheira de buzinas e de klaxons... Os *studios* despejam-se e os *restaurants*, os *bars*, os *lunch-rooms* coagulam-se de gente que entra, em correria... Os primeiros conquistam lugar sentado... Os outros — têm que comer de pé...

Mas a nota mais excêntrica dessa hora da Cinelândia é a mescla de trajos com que os comensais se apresentam... Japoneses, granadeiros napoleónicos, págens florentinos, fraides, oficiais russos, peles vermelhas, *apaches* parisienses, polícias *yankées*, mouros, persas, mundanas, rafuhas de cordões salpicadas de pedrarias, gente de todos os países, de todas as épocas, de todas as modas...

E Cinelândia, sob esta invasão pitoresca



e variada, dá impressão de uma enciclopédia... pela imagem...

Terminado o almoço — nas proximidades da uma e meia — de novo os *taxis* irradiam para a zona cinematográfica, levando os artistas e todo o pessoal do *studio*, já confortado com a segunda refeição...

Fica de novo a pavonar-se pela *city* o pessoal inactivo... As cinco, descem do bairro da Cinestrela os astros em repouso — que encham as casas de chá onde têm *rendez-vous* com os colegas que conseguiram libertar-se mais cedo do *plateau*... As sessões do cinema são mais concorridas...

É a hora em que se lêem jornais; a hora dos encontros, dos *flirts*, dos primeiros *charlestons* nos *dancings* do Boulevard e da Unter den Linden... As sete — jantam... Os jantares na Cinelândia dão sempre a impressão de um banquete de anos ou de homenagem... É frequente o *champagne*. As oito... teatros, românticos passiosos de auto até Sintra ou Cas-

cais, umas voltas de dança — e às onze fazem noite em toda a cidade... As portas ondulas correm simultaneamente... Apagam-se as montras e os anúncios luminosos... Ficam os polícias e alguns *chauffeurs*...

Das onze da noite às seis da manhã — vão sete horas... Sete horas de sono não é muito para quem deve trabalhar, no dia seguinte, uma média de dez horas...

São nove horas da noite... Vou abandonar Cinelândia, onde permaneci dois dias, aconselhando impressões para dezenas de crónicas... Subo, a pé, o Boulevard... Tomo o eléctrico na Porta da Cidade, que contemplo ainda, durante alguns minutos...

O eléctrico parte... A minha esquerda ergue-se a serra... Salpicam-na dezenas de arcos voltaicos... Chega até nos meus ouvidos, dezenas de fonógrafos fungando danças modernas...



# A ÓPERA LÍRICA

## É UMA COISA BURLESCA!

### ASSIM O AFIRMA A GRANDE CANTORA GALLI-CURCI

Se, realmente, não é a ópera o espectáculo da sua predilecção mas, no íntimo do seu coração se não sente desagradado de a ouvir, escusa o leitor de lançar os seus olhos para as linhas que se seguem. Se, após o cêro de abertura começa a contar as luzes da scena, a estudar as arcações do recinto, ou a estender as pernas e a cabecear de sono, então não tenha dúvidas: não se trata talvez duma inferioridade da sua parte: há qualquer coisa que não está bem e é para isso que deve tender a sua convicção... E quem lhe diz isto, leitor, é a própria Galli-Curci.

Segundo essa illustre cantora, a grande ópera está a muitas léguas de ser a mais alta expressão da arte musical. Os verdadeiros aristocratas do mundo da música são os concertos, as simfonias orquestrais: a grande ópera é uma coisa pomposa, enorme, glorificada e que desaba no mais pequeno encontro. Madame Galli-Curci vai mesmo mais longe: afirma até que as grandes óperas são, a mais dum respeito, uma coisa ridícula.

Seria realmente curioso inquirir as razões que levaram a tal convicção Amelita Galli-Curci, — aquela grande cantora cuja voz maravilhosa arrancou aos espectadores da ópera em benefício dos teatros e seu, mais fortes quantidades de ouro do que as fabulosas gargantas duma Patti ou dum Enrico Caruso.

— Diga-nos, Madame Galli-Curci: — imploramos — o que quer dizer com a sua afirmação de que as grandes óperas são ridículas?

— Melhor responderei à sua pergunta se lhe fizer outra muito mais importante! — retorquiu a grande cantora sorrindo encantadoramente. Porque razão o cantar e o representar há de andar combinados em scena? As grandes óperas combinam duas artes realmente belas, cada uma das quais é por si completa. Uma-as e uma delas só poderá sofrer com isso. Se a música for bela e arrebatadora a acção arrasta-se; se o drama é forte e bem conduzido a música é leve de mais para o acompanhar. Seria o mesmo que acasalar duas super-criaturas de espécie completamente diferente. O resultado será um ser incongruente, híbrido: nem cavallo nem burro: uma autêntica mula!

Exemplifiquemos melhor: Como poderá a senhora ouvir um grande drama se os actores e actrizes tiverem sido atriçados para os seus papéis simplesmente porque houve uma arbitrária selecção que em nada mais se baseou senão numa voz cantante? A soprano tem de se ligar ao tenor embora ela o ultrapasse em peso a obra de uns trinta quilos e tenha idade suficiente para ser mãe d'ele. E no momento fúldico lá terá ela que lhe cair nos braços cingindo-o num apertão amoroso digno dum urso do Polo!

Vejamos por exemplo *La Bohème*, uma das óperas mais populares e ouvidas em todo o mundo. Mimi, a heroína, é uma amorável francesinha que, exactamente ao cair o pano sobre o último acto, morre de tuberculose e de miséria num atelier de água furtada, enquanto Rodolfo, o tenor dela enamorado, vai trilhando a sua dor em notas arrebatadoras... Mimi foi sempre o papel favorito das primadonas, pelo que respeito à idade, nação de origem ou metros cúbicos de deslocação...

Jack London, em certo período da sua carreira de crítico musical dum periódico londrino, ouviu esse papel cantado por uma Mimi que era mundialmente famosa. Mas, não foi a sua actuação como cantora que o crítico mais notou. Para ele, o apresentador como morrendo de tuberculose uma criatura, cuja prosperidade de saúde se traduzia em excelentes gorduras e faces rubicundas, tal facto representava um insulto atriçado à inteligência dos espectadores.



Madame Galli-Curci

A famosa cantora

Na opinião de Jack London aquela Mimi estava a calhar mas era para um fulminante ataque de apoplexia...

É sabido que todas as grandes óperas têm como assunto uma tragédia. No fim morre em geral toda a gente. E é exactamente quando estão a morrer que elles cantam, que elles atingem os mais altos culmes a que podem ascender gargantas humanas... Estão nas vascas da morte e cantam que é um regalo... As pessoas normais costumam morrer num suspiro, jámais garganteando árias. E um auditório inteligente acha forte que se queira obrigar a achar verosimilhança numa acção que não é plausível desde que seja acompanhada a música.

Devemos dizer desde já que Madame Galli-Curci é pequenitina, esbelta e tem voz que baste para qualquer papel lírico: a sua figura e a sua garganta não temem que recear a tal respeito.

— Mas continuando, devo dizer-lhe que os grandes compositores nunca escreveram óperas. Brahms, Schubert, Schumann, Beethoven, só escreveram para instrumentos. Beethoven escreveu uma só ópera que não teve êxito. O lugar da grande música, positivamente não é o palco. Há mais emoção numa só peça para canto de Brahms do que numa ópera inteira. E é por isso que a voz se encontra muito mais à vontade nos concertos. Para música instrumental há as simfonias. E as orquestras simfónicas são carinhosamente patrocinadas na América: são elas as aristocratas de toda a música, e constituem os espectáculos para os quais escrevem os maiores mestres da arte dos sons.

As reacções humanas na ópera são ridiculamente anti-naturais. Veja por exemplo o *Tristão e Isolda*. Isolda é a formosa meimiga que o Rei Mark escolheu para sua noiva. Para isso o Rei despatcha ao seu encontro Tristão, seu companheiro de confiança e ajudante de campo... Tristão encontra-se com Isolda mas, não é logo a seguir que o herói se sente apaixonado por ela: ambos adiam a coisa até que numa floresta uma rapariga lhes dá a beber uma poção amorosa. Nesse momento é que os dois deslatarem de amor um pelo outro, e esquecem o Rei Mark. E o que é que faz a tal respeito o soberano — aquele absolutíssimo autocrata dos velhos tempos? Manda acaso pendurar numa fôrca o atrevido? Isso sim! Deixa-se para ali ficar de pedra e cal e desata a cantar um lindíssimo officio de defuntos que dura bem um quarto de hora!

A mesma estupidez de acção caracteriza os amantes na ópera lírica. Sabem que lhes estão na pengada os seus perseguidores. E fogem?

— Não senhor: abraçam-se para assim cantarem um dueto celestial. A música poderá ser maravilhosa mas o drama redonda numa calamidade.

O único ponto em que a actuação da ópera pode ser lógica é nas scenas de loucura, como na *Dinorah* e na *Lúcia* quando as heroínas deliram de insanias; quando também a música enloidece e já nada se poderá esperar de razoável. Nem calcula como é divertido cantar semelhantes papéis! Estou em dizer que para o grosso do público todas as scenas das grandes óperas são igualmente malucas.

Não me julgue severa se assim falo. A grande ópera em si é estúpida. Mas a verdade é que não há nela arte pura. Para conhecer bem uma arte é preciso que se estude apenas essa arte, sem a combinar com qualquer outra que só poderá dividir o interesse da primeira.

O drama só atinge a sublimidade com os grandes actores e as grandes actrizes. E a música só é sublime nos concertos. Se ambas as artes tem de ser combinadas, somente se logrará ser razoável nas comédias musicais que não exigem esforço para ser dignificadas e, portanto, são sinceras. Tanto a música como a scena constituem d'esse modo coisas muito distintas. Os actores são então apreciados como devem nos seus papéis...

As lindas raparigas e dançarinas, as melodias suaves e outras coisas mais, convêm às mil maravilhas aos homens de negócio que querem distrair um bocadinho!

— Foi por pensar assim a respeito da scena musical e dos seus ouvintes que desertou da ópera lírica, cantando agora somente em concertos? — interrompem-nos.

— Eu desertei da ópera lírica? Ora essa! Isso nunca! nunca, ouvinte!

— Desta vez Madame Galli-Curci encolerizou-se e... em italiano. Mas depois acalmou-se:

— Gosto da ópera porque sou da Itália nome ela nasceu. Na Itália a ópera é uma coisa eminentemente nacional.

Na vida particular Madame Galli-Curci é simplesmente Mistress Homer Samuels. Seu marido é quem a acompanha ao piano nos grandes concertos.

MARGARET NORRIS.

(Anglo-American N. S. Copyright. Excluído de Illustrações.)



# S U P R E M O A R Q U I T E C T O



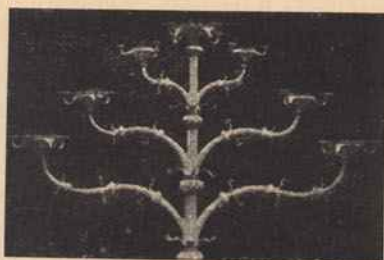
Um ídolo inca num túmulo de guerreiro morto em combate

As mais belas formas arquitectónicas, em todos os tempos, em todos os recantos do globo, em todos os tipos de civilização, tem sido, incontestavelmente, aquelas que vão inspirar-se na Natureza, na obra inegalável do Supremo Arquitecto.

Sempre se verificou e verificará que, quando o afan criador do homem consegue abstrair-se da contemplação da Natureza e consequentemente do seu arremedo (que outra coisa não é a estilização de motivos), a obra de arte é frágil, efémera, bizarra em vez de bela, estravagante em vez de imponente.

Os cubismos, os interseccionismos, que quiseram implantar-se na arquitectura, fa-

estilos que são, também por si, estilizações de motivos inexgotáveis e supremamente belos, da criação. As flores, os frutos, os arbustos, as arvores e os animais são fonte de eterna beleza, base nunca assás aprovei-



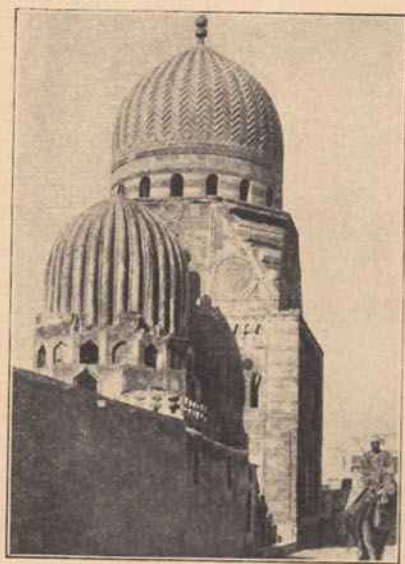
Candelabro encontrado num templo do século XII da Alemanha Central, notável pelas suas linhas

tada de estilizações elegantíssimas. As palmeiras do nosso mamuelino, os acantos dos clássicos, os lótus egípcios, os frutos, nos modernos, multiplicam-se em frisos, em colunatas, em capiteis, em decorações pintadas, em baixos relevos aereos, e as nossas gravuras, com a sua formidável eloquência, mostrarão melhor do que esta leve prosa como, talvez inconscientemente, os orientais e os homens do poente, antigos ou modernos, cristãos ou budistas, foram e vão sempre buscar à obra do Supremo Arquitecto, plasmador divino, a inspiração que não é dom completo dos mortais. E vemos, pelo mundo fóra, mesquitas sumptuosas que têm as linhas pojantes de vida dum gomo tenro de tenro arbusto, torres de maravilha que são tal qual os caules aereos de palmeiras raras, capiteis que são rebentos novos de flôres graciosas levados à pedra imordeoira, motivos de ornato, de pintura ou relevos, de

beleza, enfim, que não são mais do que clichés flagrantes de atitudes espontâneas dum a alada libélula ou corça gracil e nervosa, da maturidade e pagá dum fruto colorido, do enlaçar duma liata amorosa ou da carícia dum felino ronroneante, tudo coado pela visão deformadora do artista criador da estilização, embora impotente para criar o motivo supremo. E eis porque, enquanto muitos, quasi todos, levam uma vida de pasmo pelo mundo, na admiração reverente de templos e pulários, basilicas e museus, colunatas e claustros, outros, mais serenos ou mais sagazes, ou mais perto do Criador, admiram humildemente, pacientes-

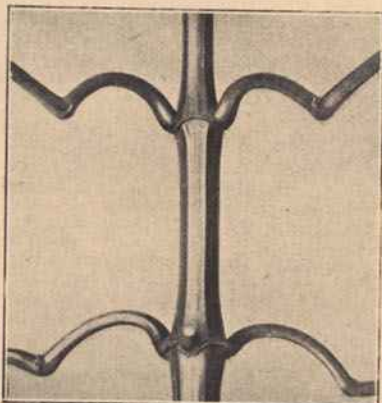


Ampliação da fotografia dum gomo tenro terminal duma planta sul-americana

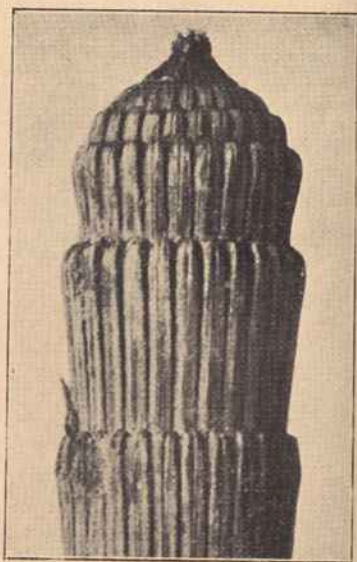


Túmulo dos mamuelinos, no Cairo, com a sua maravilhosa basílica. — (século XIV)

liram estrondosamente, e hoje vemos que os mais arrojados modernistas no campo arquitectónico não passam, afinal, de neo-clássicos, pois que não é senão neo-classicismo ou neo-bisantinismo (quasi sempre em más estilizações), o que nós vemos nos grandes desenhos dos mestres da edificação artística de hoje. Portanto, sem criação nova, o artista de hoje vai beber inspiração nas obras mais belas dos grandes tipos de arquitectura do passado, esses grandes



Ampliação das ramificações do Caule da Balsamina, certamente tão elegantes ou mais do que o candelabro acima



Uma forma arquitectónica anterior no túmulo do Cairo — Ponta do caule de Equisetum (Cavalábua) aumentada dez vezes

mente, em existências inteiras, todas de contemplação panteista, a vida dos pequeninos insectos e a gracilidade incomparável das corôlas ao abrir, e o esvoaçar das aves ou o rutilar das côres dos jardins de Deus. Uns contemplam o belo no que êle tem de mais grosseiramente evidente, e outros, os celeitos, buscam a beleza na sua fonte eterna e inexgotável; a Natureza, êsse album imenso em que o Criador guardou a sua obra.

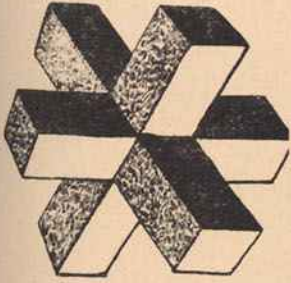
AMÂNCIO CARRAL.





# Passatempo

## NOVA ADIVINHA



Recortem cada um dos quinze pedacinhos diversos que compõem este desenho e tornem depois a colocá-los (de memória) nos seus primitivos lugares.

✂ ✂

— Segundo ouvi dizer, seu marido sofre de asma.

— Sim, a asma é dele que a tem, mas quem sofre sou eu.

✂ ✂

*No restaurante.*

*O freguês:* — Olhe lá, que porção tão pequena de frango que você me trouxe!

*O criado:* — É pequena, é; mas o senhor verá que lhe há de levar muito tempo a comer.

✂ ✂

*Num exame de francês.*

— A menina sabe dizer-me — pergunta o professor a uma rapariguita com cara de pouco esperta, — como morreu Luís XVI?

— Cortaram-lhe a cabeça... e morreu em consequência das feridas.

✂ ✂

*Num escritório.*

*O visitante:* — Ora, ora, então o seu antigo guarda-livros foi-se embora, desde a última vez que eu aqui estive! Para onde foi ele?

*O empregado:* — Não se sabe; a polícia ainda lhe não deu com a pista.

✂ ✂

*Zeferino:* — Estou devéras atrapalhado. Não sei o que hei de dar ao meu sobrinho no dia dos anos dele.

*Bernardo:* — Porque não lhe dá dinheiro?

*Zeferino:* — Ah! não quero coisa assim tão cara.

Uma senhora, tendo um bôlo na mão, pergunta ao Luisinho, de 4 anos, de que gosta êle mais, dela ou do bôlo.

O Luisinho, depois dum momento de reflexão:

— Gosto mais de si.

— E porquê? pergunta a senhora muito lisonguada.

— Ora, porque me vai dar o bôlo!

✂ ✂

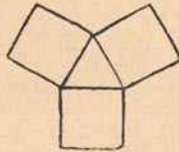
*Luisa:* — No sábado é o dia de anos do meu noivo e eu quero fazer-lhe uma surpresa.

*Margarida:* — Porque não lhe dizes a tua idade certa?

✂ ✂

## OS TRÊS ROMBOS

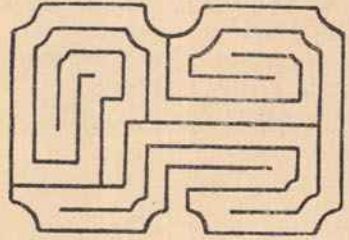
(Problema)



É mais um passatempo excentrado com fósforos ou palitos, mas oferece alguma novidade.

Consiste em levantar seis dos fósforos, que formam este desenho, e colocá-los de maneira que fiquem três rombos, separados.

## LABIRINTO INGLÊS DE LONDON E WISE



É um dos mais belos labirintos de Inglaterra, país onde se encontram muitíssimos outros, porque os ingleses são muito afeiçoados à diversão que essas construções proporcionam.

✂ ✂

*Ele:* — A diferença que existe entre uma mulher e um espelho é que o espelho reflecte sem falar e a mulher fala sem reflectir.

*Ela:* — É a diferença entre você e um espelho, é o espelho ser polido.

✂ ✂

*A dona da casa:* — Perdi a chave da minha secretária, Joaquina. Traga-me cá êsse molho de chaves velhas que está no armário da cosinha, talvez alguma delas sirva.

*Joaquina:* — É escusado, minha senhora; já há muito tempo que as experimentei tôdas e nenhuma servia.



QUEM ESPERA...

*O freguês:* — Olhe lá, aquêlle criado alto, chamado Afonso, ainda cá está empregado?

*O criado:* — Está, sim senhor.

*O freguês:* — Então, far-me favor se o vir, de lhe perguntar se o bife que eu encomendei já estará quasi pronto?



# BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

*Madame de Lydome Assassin*, por Rachilde. Romance cheio de interesse, como todos que saem da pena da apreciada escritora. 12 fr.

*La Maison a destination speciale*, por Valentin Spéranski. Mais uma tentativa para desvendiar a inteira verdade sobre a tragédia de Ekaterinburgo. Como se deu a morte do czar? O autor, antigo professor na Universidade de S. Petersburgo, diz-o neste livro. 12 fr.

*Les Rois de Mer*, por André Malvil. Romance capaz de agradar, por igual, aos letrados e ao grande público. Boa técnica e bom estilo, aliados a um intenso movimento de figuras. 12 fr.

*Falencia* (*Amours d'Espagne*), por Adolphe Falguirolle. Mais um romance que toma por cenário a Espanha. Páginas admiradas pelo claro rubro da paixão. 12 fr.

*Préséances*, por François Mauriac. O velho tema do preconceito de casta renova-se neste belo romance, que em tudo accusa um pulso forte de escritor. 12 fr.

*La fin d'une parade philosophique: le Bergsonisme*, por François Arouet. Livro que constitui um precioso estudo, com pontos de vista inéditos, sobre o valor como sábio de Bergson. 9 fr.

*Un homme dans la boue*, por Rabet-Divoire. História dum homem austero que forças ocultas arrastam para os tremedais do vício. Romance que ilustra as teorias, tão em voga, da psicanálise. 12 fr.

*La Vie de Louis Pasteur*, por Henri Dronin. Volume da coleção «Vies des Hommes illustres». A narração dum existência superior é um excelente instrumento educativo, pelo que o volume em referência, que nos dá, em toda a sua nobreza, a figura do grande químico francês e inesquecível benfeitor da humanidade, deve andar em todas a mãos, sobretudo nas da gente moça. 12 fr.

*Mon premier testament*, por Julien Benda. Páginas opulentas de conceitos filosóficos, escritas por um autor que tem sido um dos mais discutidos nos últimos tempos. 9 fr.

*La Nouvelle Civilisation*, por A. Besant. Um depoimento curioso sobre a época actual e os seus costumes. 5 fr.



HENRI BREMOND

Henri Bremond, da Academia Francesa, é autor de muitos trabalhos notáveis pela erudição e pelo recurso literário. A sua obra de vulto mais recente, e ainda em publicação, é *L'Histoire Littéraire du Sentiment Religieux en France, depuis la fin des guerres des religions jusqu'à nos jours*.

Páginas duma extraordinária densidade de saber e donde se evolvem as abstrações mais altas, constituindo, no fundo, uma filosofia da prece cristã. São lá oito os tomos que elas formam, cada um dos quais, em brochura e com muitos luxos, custa 30 francos. O tomo I trata de *L'Unité divine*; o II, de *Trinité mystique*; os III, IV e V, ocupam-se de *La Conscience mystique*; e os VII e VIII, agora aparecidos, desenvolvem o assunto que o seu título remota, *La sainteté mystique des Saints*, denunciam. A série dos 8 tomos publicados tem o preço de 288 francos.

*Le Géon ou La Terre Vivante*, pelo Dr. Hélian Jaworski. Volume da Coleção «Les Documents Bleus». O autor afirma que toda a vida humana está ligada à vida da Terra, a qual também respira, dorme, se alimenta e goza. Lettura de carácter científico mas de atraente sabor. 12 fr.

*Positions et Propositions*, por Paul Clandel. Quem se interesse pelos problemas da poesia não deve deixar de ler este magnífico estudo, produzido por um espírito vibrátil de verdadeiro poeta e, simultaneamente, dotado de fino senso crítico. 12 fr.

*Royanne-Farjela*, por André Malraux. Novo testemunho do alto valor literário do romancista dos *Conquérants* (12 fr.). Mas ao passo que o processo ali era directo e sêco, na obra de agora encontra-se um delicioso aroma de poesia. 12 fr.

*Le Cabaret de la belle femme*, por Roland Dorgèles. Contos da guerra, que formam a continuação de *Les Croix de Bois*. Mas ao passo que essa obra provoca as lágrimas, a última desperta, em muitas das suas páginas, o riso. 12 fr.

*Brahmane et Paria* (Caste and Outcast), por Dhan Gopal Mukerji. Traduzido do inglês por Sophie Gudet. Segundo volume da série *Orient*, que se iniciou por *Ma Mère*, (15 fr.), de Cheng Teheng, com um prefácio de Paul Valéry. No *Brahmane et Paria* encontra-se um quadro da vida indiana pinado com delicadeza e inteligência. 15 fr.

*Trois ombres sur Paris*, por H.-J. Magog. Romance de aventuras, em que os modernos inventos científicos têm largo papel. 8 fr.

*Gérard de Nerval*, por Gauthier-Ferrières. Biografia e obras escolhidas. 8 fr.

*La Gélie la plus sombre*, por Ivan Olbracht. Romance tcheco, traduzido por G. Aencoutrier. Emocionante e rápido como uma tragédia classica. Interessante: o amor. 12 fr. Da mesma coleção «Aventuriers», existe o romance *La Turbine*, de K. M. Chapek-Chod, traduzido por Jules Chopin. 2 vols., 24 fr.

*Journal Intime*, de Pierre Loti. Publicado por seu filho Samuel P. Loti-Viaud. Segundo tomo, que abrange os anos de 1882 a 1885. 12 fr.

*La Femme selon 21 romanciers célèbres*. Opiniões, entre as quais se encontram tanto palavras de lumenagem como de condenação, subcritas, entre outros, por Marcel Proust, Colette, Tristan Bernard, Edmond Hérriot, etc. Na coleção há já publicado o volume *L'Amour selon 28 romanciers*. Cada vol. 12 fr.

*Les Vrais Dieux*, por Georges de Porto-Riche, da Academia Francesa. Fantasia antiga, dividida em duas partes. Páginas de grande valor literário. 7 fr.

*La Tasse de Saxe*, por Jacques Bainville. Contos, narrativas, diálogos, repletos de ideias e escritos no estilo mais vivo e bumpido. Do mesmo autor *Jaco et Lori*. Cada vol. 12 fr.

*L'Hôte divin*, por Emille Arnal. Volume que obteve este ano o prêmio de Poesia da Academia Francesa. 12 fr.

*Le Prisonnier qui chantait*, por Johan Bojer. Curioso romance traduzido por P.-G. La Chesnais. 12 fr.

*La littérature à la lumière du matérialisme historique*, por Marc Ickowicz. Inteligente ensaio sobre um assunto de interesse. 30 fr.

*La Brûlée*, por R. de Montmerillon. Obra

feita com muita subtilidade, muita observação e muita intuição poética. Uma mulher, um país, uma raça. Coleção da Renascença Católica. 10 fr.

*Battling le bleu-breux*, por Alexandre Vialatte. Romance que tomou por tema a adolescência. Constitui uma estreia notável. 12 fr.

*Mrs. Wiggs du carré de choux* (Mrs. Wiggs of the Cabbage Patch), por Alice Hegan Rice, em tradução de A. Guichard. Interessantíssima novela que já conta perto de um milhão de leitores na América e na Inglaterra. 12 fr.

*Les Clairisses*, por J. Anselme-Hustache. Vol. da Coleção «Les grands ordres monastiques». Pelo autor, somos introduzidos na parte mais reservada das congregações religiosas femininas. 12 fr.

*Napoléon*, por Emil Ludwig. Livro que merece uma leitura encantadora. Um escritor de génio estudando a vida dum grande homem. Vol. com 16 fotografuras fora do texto. 40 fr.

*La Fille des Rôcs*, por J. H. Rosny Aîné, da Academia Goncourt. Romance que nos leva às épocas primitivas. 12 fr.

*Transformations du monde*, por François Porché. Os problemas da Europa. Impresões da América. Avaliação da cultura francesa. 12 fr.

*La Katoune*, por Marie-Louise Pailleton. Romance simultaneamente tranquilo e intenso, que reflecte a alma sã da autora. 12 fr.

*Ignès*, por Gabriel D'Anbarède. Romance que foi muito notado pelos júris dos últimos prémios literários. 12 fr.

*Conclui, Maréchal d'Ancre*, por Henri D'Anbarède. História de Concini e Léontora Caligai, misteriosa obra. Coleção das «Grandes Vies Aventurées». 10 fr.

*Les Surhommes*, por Han Ryner. Romance profético. Obras do mesmo autor: *Les Voyages de Psychodore* e *L'ingénieux Hidalgo Miguel Cervantes*. Cada vol.: 12 fr.

*La Côte des Dieux*, por Pierre Frondia. Romance que nos adverte de que ainda há no mundo muitas coisas misteriosas. 12 fr.



RENÉ BÉHAINE

Escritor francês de quem Léon Daudet, avare em elogios sem fundamento, escreveu 35 «René Béhaine, que, a não ser por uma falha, ainda não é considerado um mestre, amanhã gozará um renome universal». A profecia está a caminho de efectuar-se: a consagração de si mesmo de que a critica o critica nos princípios da sua carreira, e até o passo a Justina. Hoje René Béhaine é olhado como um romancista de poderosas facultades, sendo mesmo, pelos seus dons de prosa, posto ao nível de Proust. Todavia, um Proust mais claro, pessoalmente como romancista, tem sido, romancista, construído essa obra majestosa, rica de pensamento e de sentimento, situse dos fins do século XIX e dos começos do XX, que é *L'Homme sans Sexe*. Os volumes, já mencionados, que a constituem, todos a 12 fr. são: I, *Les Nouveaux Sens*; II, *Les Surentendus*; III, *Si Jeunesse Savaient*; IV, *Le Conquête de la Vie*; V, *L'Enchantement du Français*, *Avec les yeux de l'Espri*.

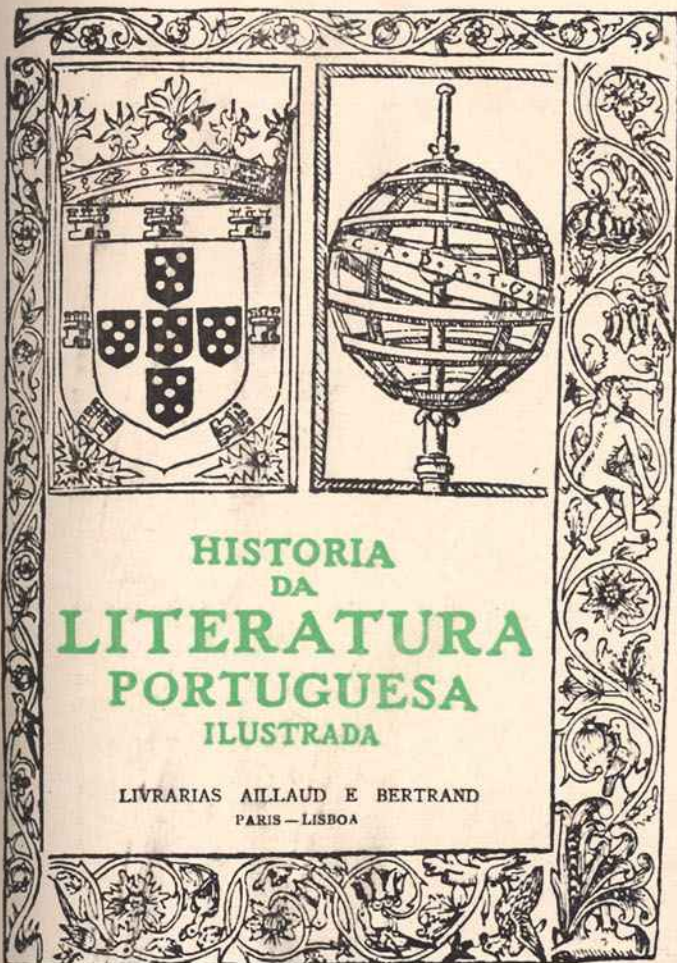
As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

## ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS.....	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA.....	47\$00	92\$00
Registados.....	24\$40	47\$80	93\$60	Registados.....	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL.....		49\$00	96\$00	BRASIL.....	52\$00	102\$00
Registados.....		53\$80	105\$60	Registados.....	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR.....		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO.....	63\$00	124\$00
Registados.....		57\$80	113\$60	Registados.....	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4\$00





## HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO  
Da Academia das Ciências de Lisboa

### ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE IBERNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.  
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos cambojanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MÁRCIO DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MÁRCIO DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA PENHA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOSES BENSAÏM AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
F. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

## BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....  
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).

NOME .....

MORADA .....

Lisboa, ..... de ..... de 192...

ASSINATURA .....

### PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

#### CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (86 para o continente e ilhas) ..... 11\$50

Assinatura (pagamento adiantado) ..... 39\$00 59\$00 118\$00

#### REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA .....	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR.....	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO .....	37\$00	72\$00	142\$00
Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem			10\$00

## EDIÇÃO MONUMENTAL

### A HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

#### CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

#### CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITÉRATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 30\$00



O Espirro  
é sempre ridículo...  
e perigoso!



Emmerico



Evite-o, pois, o mais possível  
Para irritar as mucosas nasais, bem basta o  
ar frio que V Ex<sup>o</sup> respira fora de casa Respire  
a menor quantidade possível de ar frio Leve  
para casa a temperatura da Primavera. Compre  
hoje mesmo um Calorifero da Vacuum e ponha-o  
a funcionar com o combustível apropriado, o

Petroleo  
**SUNFLOWER**

VACUUM OIL COMPANY

ROCIO. 67

Telet N 3075